

Escola de Ciências Sociais e Humanas

Departamento de Psicologia Social e das Organizações

**Serão as pessoas mais racionais menos infiéis ou será tudo uma
questão de compromisso?**

Inês Maria Teixeira Moura

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre em Psicologia Social e das Organizações

Orientador:

Professor Doutor David Rodrigues,

ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa, CIS-IUL

Setembro, 2017



Escola de Ciências Sociais e Humanas

Departamento de Psicologia Social e das Organizações

**Serão as pessoas mais racionais menos infiéis ou será tudo uma
questão de compromisso?**

Inês Maria Teixeira Moura

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre em Psicologia Social e das Organizações

Orientador:

Professor Doutor David Rodrigues,

ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa, CIS-IUL

Setembro, 2017

Agradecimentos

Sendo este, um período tão importante na vida de qualquer estudante universitário, são incalculáveis o número de pessoas que marcaram, de uma forma ou de outra, todo este percurso até chegar ao meu último ano como estudante. Assim gostaria de salientar algumas das pessoas mais importantes que me permitiram chegar onde cheguei hoje.

Posto isto, faz todo o sentido para mim, começar por agradecer às pessoas mais importantes na minha vida, os meus pais, Paula Moura e António Moura, pois sem eles todo este trajeto de vida, poderia se suceder de uma forma completamente diferente. Obrigada por me terem permitido continuar os meus estudos por mais cinco anos, que não foram nada fáceis, mas que com o vosso apoio incondicional, tornou-se possível seguir as minhas aspirações. Obrigada acima de tudo pela vossa paciência e por fazerem de mim a pessoa que sou hoje. E, ainda, a minha irmã Diana e o meu sobrinho Tomás, pois a minha vida sem eles não seria igual, uma vez que me dão força para continuar a lutar pelos meus sonhos todos os dias.

Em seguida, gostaria de agradecer a todos os meus amigos que me acompanharam nesta jornada, que me fizeram acreditar que seria possível chegar ao fim. Saliento em especial as minhas amigas de longa data que acompanharam todos os meus devaneios e não me deixaram desistir, Catarina Neves, Joana Antunes, Patrícia Duarte, Beatriz Jorge, Mariana Lago e Marta Libério. Não esquecendo claro, os amigos que fiz na faculdade, pois foram muitos os dias e noites de desespero para acabar trabalhos. Ajudaram-me a ultrapassar todos os obstáculos e, juntos, festejamos todas as nossas conquistas, em especial agradeço ao Marco Lourenço, Rita Dias, Daniela Pereira, Catarina Gonçalves e Filipa Bernardino. Também agradeço à Sofia Esgueira pelas noites longas que me ajudaram a desanuviar de todo o trabalho.

Quero agradecer também ao meu orientador interno, o professor Dr. David Rodrigues, que se mostrou sempre prontamente disponível para esclarecer qualquer dúvida, por toda a orientação ao longo deste caminho tão atribulado e pela paciência, pois foram fatores que contribuíram bastante para o êxito desta etapa.

Muito obrigada a todos!

Resumo

Comportamentos extra-diádicos (CED) referem-se a comportamentos de cariz íntimo que possam existir com alguém que não seja o parceiro. Estando o estilo de pensamento (experiential vs. racional) associado à forma como as pessoas se comportam nas suas interações sociais, este poderá ter alguma influência na tendência para ter CED. Devido ao processamento superficial das pessoas tendencialmente experienciais, é provável que estas tenham uma maior probabilidade de se envolver nestes comportamentos. Assim, este estudo procurou analisar a associação entre estilo de pensamento e o compromisso, com o objetivo de melhor compreender o CED emocional e físico, bem como a perceção de intimidade emocional e física, sentida com parceiros fora da relação primária.

Os participantes estavam todos envolvidos numa relação amorosa ($N = 213$; 77 mulheres, 136 homens; $M_{idade} = 43.68$, $SD = 9.43$) e inscritos num *site* de encontros dirigido para indivíduos em relacionamentos – *Second Love*. Os resultados mostraram que o pensamento experiential está mais associado aos CED e a um maior nível de intimidade sentida pelo parceiro extra-diádico, comparativamente com o pensamento racional, mas apenas quando o compromisso é baixo.

Estes resultados são importantes para o desenvolvimento da literatura nos CED, uma vez que vieram acrescentar uma nova variável (estilo de pensamento) ao contexto dos relacionamentos amorosos, que poderão ter implicações práticas ao nível da intervenção clínica nos casais.

Palavras-chave: Compromisso, Estilo de pensamento, Comportamento Extra-diádico; Intimidade

Abstract

Extradyadic Involvement (EDI) refer to intimate behaviours that might exist with someone other than a person's partner. Considering that the thinking style (experiential vs rational) is associated with the manner in which people behave in their social interactions, this might have some influence in the tendency to engage in (EDI). Since people who tend to be experiential have a more superficial processing, it's likely that they have a higher probability to involve in such behaviors. Therefore, this study's main goal was to analyze the association between the style of thought and a commitment to ultimately try to better understand emotional and physical (EDI), as well as the perception between emotional and physical intimacy felt with partners outsider the primary relation.

The main participants of the study were all involved in a loving relationship ($N = 213$; 77 women, 136 men; $M_{age} = 43.68$, $SD = 9.43$) and enrolled on a dating *Website* targeting individuals in a relationship – *Second Love*. Results showed that experiential though is more connected to EDI and to a higher level of intimacy felt between the extradyadic partner, compared to rational behavior, but only when commitment is low.

These results are important to advance literature in EDI, since it brings a new variable (thinking style) into the context of loving relationships which might have practical implications in terms of couples' clinical therapy.

Keywords: Commitment, Thinking Style, Extradyadic Involvement, Intimacy

Índice

Introdução	1
I - Enquadramento Teórico	4
1.1. Compromisso: Modelo de Investimento.....	4
1.2. Estilos de Pensamento	6
1.2.1. Teorias de Processamento de Informação.....	10
1.3. Comportamentos Extra-diádicos	12
1.4. Presente Estudo e Hipóteses	16
II - Método	18
2.1. Participantes.....	18
2.2. Medidas	18
2.2.1. Inventário Racional-Experiencial.	18
2.2.2. Escala de Compromisso.....	19
2.2.3. Inventários de Comportamentos Extra-diádicos.....	19
2.3.4. Intimidade Emocional e Física.....	20
2.4. Procedimento	20
III - Resultados	22
3.1. Análise descritiva das variáveis.....	22
3.2. Teste das Hipóteses de Moderação.....	25
3.2.1. Interação entre Estilo de Pensamento e Compromisso no <i>Flirting</i> Virtual.	26
3.2.1. Interação entre Estilo de Pensamento e Compromisso no Sexo Virtual.....	27
3.2.3. Interação entre Estilo de Pensamento e Compromisso na Intimidade Emocional..	28
3.2.4. Interação entre Estilo de Pensamento e Compromisso na Intimidade Física.	29
IV - Discussão	30
Pontos Fortes, Limitações e Estudos Futuros	34
Implicações e Conclusões.....	37
Referências	39

Índice de Quadros

Quadro 1.1. – <i>Comparação dos Sistemas Experiencial e Racional</i>	9
Quadro 3.1. – <i>Médias, desvios-padrão e correlações entre as variáveis</i>	23
Quadro 3.2. – <i>Diferenças de sexo</i>	24
Quadro 3.3. – <i>Análise de Regressões sobre o Flirting Virtual, Sexo Virtual e Intimidade Emocional e Física, em Função do Estilo de Pensamento e Compromisso</i>	25

Índice de Figuras

Figura 3.1. – <i>Efeito da moderação do compromisso sobre a relação entre Estilo de Pensamento e Flirting Virtual</i>	26
Figura 3.2. – <i>Efeito da moderação do compromisso sobre a relação entre Estilo de Pensamento e Sexo Virtual</i>	27
Figura 3.3. – <i>Efeito da moderação do Compromisso sobre a relação entre Estilo de Pensamento e Intimidade Emocional</i>	28
Figura 3.4. – <i>Efeito da moderação do Compromisso sobre a relação entre Estilo de Pensamento e Intimidade Física</i>	29

Glossário de Siglas

CED – Comportamentos extra-diádicos

IRE - Inventário Racional-Experiencial

IMS - *Investment Model Scale*

EDBI - *Extradyadic Behaviors Inventory*

Introdução

As pessoas estabelecem diferentes tipos de relações interpessoais, nomeadamente, de amizade, namoro, casamento e trabalho. Há uns anos atrás, para tal acontecer, era necessário conhecer as pessoas pessoalmente, mas atualmente com os avanços tecnológicos torna-se cada vez mais fácil estabelecer algum tipo de interação através da Internet (Haack, 2012; Melo & Afonso, 2011). Atualmente a Internet acaba por fazer grande parte dos relacionamentos interpessoais ajudando no estabelecimento dos mesmos (Whitty, 2003). Por exemplo, um estudo realizado com apenas casais casados na América, indica que um terço dos americanos conheceram o seu cônjuge através de *sites online* (Cacioppo, Cacioppo, Gonzaga, Ogburn & VanderWeele, 2013).

Com o aparecimento de *sites* de relacionamentos e redes sociais que promovem cada vez mais o conhecimento de novas pessoas e apesar dos aspetos benéficos que este tipo de *sites online* pode ter para a manutenção de relacionamentos. Começam a surgir também questões relativas a possíveis problemas nos relacionamentos. De facto, a investigação tem demonstrado que o uso excessivo de plataformas sociais pode aumentar o risco de conflitos entre parceiros (Clayton, 2014), e pode inclusivamente ser uma plataforma que ajuda a promover comportamentos extra-diádicos (CED), sejam estes emocionais ou físicos (Haack, 2012). Os CED são definidos como um envolvimento de carácter íntimo com outra pessoa que não o parceiro primário (Martins et al., 2016). Estes comportamentos poderão ter implicações negativas na qualidade da relação, dado que em relações monogâmicas implica que um dos parceiros quebre, a regra implícita que limita o nível de intimidade emocional e/ou física ao próprio parceiro (Martins et al., 2016; Melo & Afonso, 2011).

A investigação tem demonstrado que ocorrem gradualmente mais divórcios onde os CED são cada vez mais mencionados como fazendo parte do motivo de rutura (Haack & Falcke, 2013), estando este fenómeno presente em diversas culturas (Amato & Previti, 2003; Hall & Fincham, 2006; Lampard, 2014). Isto poderá acontecer devido às redes sociais facilitarem cada vez mais a prática de CED. O que vai de encontro com um estudo realizado nos EUA que revelou que o *Facebook* era a causa responsável por 20% dos casos de divórcio (Haack & Falcke, 2013). O *site Second Love*, é um exemplo, entre outros, de uma rede social que promove CED entre pessoas numa relação, que poderá facilitar estas práticas. Em 2015 foi anunciado que cerca de 32 milhões de pessoas usam este tipo de *sites* em todo o mundo (Zetter, 2015), possivelmente explicado pelo seu carácter anónimo que faz com que estas se sintam mais à vontade para explorar a sua sexualidade com outros parceiros. De facto, as

pessoas acabam por partilhar informações mais íntimas com estranhos do que habitualmente o fariam se fosse presencialmente, por estes não fazerem parte do seu círculo social não ficando em risco de serem expostos (McKenna, Green & Gleason, 2002).

Pesquisas indicam também que a homossexualidade tem um papel importante no que diz respeito aos CED (Shaw, Rhoades, Allen, Stanley & Markman, 2013). Homossexualidade pode ser definida como uma “*disposição pessoal para se envolver em sexo casual descomprometido*” (Simpson & Gangestad, 1991 cit. por Rodrigues, Lopes, & Pereira, 2016a, p. 1). Indivíduos com uma homossexualidade menos restrita têm maior predisposição para se envolverem em sexo casual com outras pessoas, comparativamente a indivíduos com uma homossexualidade mais restrita (Simpson, Wilson, & Winterheld, 2004). A literatura propõe que estes indivíduos tendem a desenvolver relacionamentos curtos e com pouca qualidade, por investirem menos no relacionamento (Jones, 1998; Simpson et al., 2004). Tal sugere que indivíduos menos restritos terão também uma maior probabilidade de se envolverem em CED, possivelmente devido à falta de compromisso com a relação (Rodrigues et al., 2016a). Isto poderia ajudar a explicar, em parte, o porquê de existirem pessoas com mais tendência para ter CED do que outras. No entanto, as teorias sugerem que as pessoas podem acomodar estas predisposições quando estão num relacionamento. De facto, investigação recente demonstrou que a associação entre a homossexualidade e CED depende do grau de compromisso (Rodrigues et al., 2016a), sendo que a associação positiva entre homossexualidade menos restrita e maior probabilidade de CED, parece ocorrer apenas entre pessoas menos comprometidas.

O estilo de pensamento que as pessoas adotam numa determinada situação poderá influenciar o seu processamento de informação (e.g., dar mais atenção a determinados pormenores vs. não ter tanta atenção a pormenores). O pensamento refere-se às diferenças e preferências individuais no modo como se vivenciam experiências (Hasen & Stansfield, 1982). Então, o estilo de pensamento poderá influenciar interações sociais (Messick, 1984). Por exemplo, quando as pessoas pensam tendencialmente de forma mais impulsiva, tendem também a não refletir sobre todas as alternativas possíveis ou consequências do seu comportamento. No presente estudo questionamos se tal diferença individual poderá estar também associada à tendência para ter CED, sendo que nenhuma investigação abordou ainda o pensamento neste contexto. Tal como nos estudos sobre a homossexualidade, iremos verificar se essa associação também poderá variar de acordo com o grau de compromisso.

É pertinente estudar esta temática, primeiro, por existirem algumas limitações a serem ultrapassadas em estudos anteriores (Martins, 2012). Por exemplo, Luo, Cartun e Snider

(2010) sugerem que grande parte dos estudos não operacionalizam CED de forma clara. De acordo com os autores, a investigação tem utilizado termos ambíguos para definir o constructo (e.g. “comportamento romântico ou sexual”, Allen & Baucom, 2006, p. 309). Tal poderá gerar interpretações enviesadas do que são estes CED e originar resultados inconsistentes. De facto, o que é considerado CED num determinado estudo, poderá não ser considerado para outros (Martins, 2012). Por sua vez, estas incongruências dificultam a comparação entre estudos (Blow & Hartnett, 2005). Segundo, existe também um conjunto de estudos que se focam apenas nos comportamentos sexuais (e.g. Atkins, Baucom & Jacobson, 2001; Mark, Janssen & Milhausen, 2011). Contudo, é importante abranger um espectro que inclua não só os comportamentos sexuais como também os emocionais (e.g. Whitty, 2003), uma vez que restringir tudo ao mesmo conceito pode inviabilizar os resultados. Por exemplo, a pessoa pode já ter tido CED emocional e nunca ter tido CED físico. Se não for feita uma operacionalização detalhada do tipo de CED, poderá acontecer que aquela pessoa indique que nunca teve CED físico, o que não significa que não teve CED emocional. Nas conceções do parceiro, ambos os tipos de CED têm efeitos negativos semelhantes ao nível da relação (Lishner, Nguyen, Stocks & Zilmer, 2008). Terceiro, as investigações também só começaram a incluir os CED *online* recentemente, e por isso, é pertinente continuar a explorar este tipo de CED, para que a literatura nesta temática se desenvolva cada vez mais (Martins, Pereira & Canavarro, 2014; Martins et al., 2016; Whitty, 2003). Quarto, de acordo com Charny e Parnass (1995) e Harris (2002), o impacto dos CED no bem-estar individual e na própria estabilidade da relação podem ser negativos. Por isso, é necessário compreender melhor estes comportamentos, até porque atualmente existem meios que cada vez mais facilitam estas práticas. Ao compreender possíveis causas que levam aos CED, poderá permitir a criação de programas de intervenção ou prevenção que ajudarão futuros casais com problemas no relacionamento.

Posto isto, torna-se importante compreender que fatores individuais poderão estar associados ao aumento de CED. Sendo o objetivo principal deste estudo i) analisar a associação entre o estilo de pensamento e a propensão que o indivíduo tem para ter CED ii) e se esta associação varia de acordo com o grau de compromisso.

I - Enquadramento Teórico

1.1. Compromisso: Modelo de Investimento

A força-chave que permite a manutenção de um relacionamento é o compromisso, sendo esta uma variável central do Modelo de Investimento de Rusbult (1983). Para os investigadores o compromisso é considerado como algo complexo e multifacetado que terá influência na permanência ou na desagregação do relacionamento (Le & Agnew, 2003). Assim que se inicia um novo relacionamento amoroso e para que este se mantenha, é importante que os ganhos obtidos (e.g. todos os momentos felizes passados em conjunto) sejam superiores aos custos envolvidos (e.g. fazer algo que apenas o parceiro gosta) para que haja um bem-estar comum (Rodrigues, Lopes & Oliveira, 2011). A Teoria da Interdependência (Kelley & Thibaut, 1978) sugere precisamente isto, uma vez que se baseia nas diferenças entre os ganhos e os custos, tendo em conta as expectativas criadas face ao relacionamento. É a partir deste balanço que se iniciam as comparações com possíveis parceiros alternativos. Assim, quando os ganhos são superiores aos custos, essa comparação não deverá criar problemas relativamente à continuidade da relação. Contudo, quando os ganhos são inferiores aos custos, começam a surgir problemas por se questionarem se não estariam mais felizes com outra pessoa (Rodrigues et al., 2011). Estes são alguns pressupostos nos quais se baseia o Modelo de Investimento de Rusbult (1983).

O Modelo de Investimento surge como um enquadramento teórico para explicar a probabilidade de um relacionamento perdurar (Le & Agnew, 2003), independentemente das adversidades encontradas na relação. Este pressupõe três fatores que potenciam o compromisso numa relação: satisfação na relação, qualidade de alternativas e investimento no relacionamento. O primeiro diz respeito a uma avaliação subjetiva daquilo que cada indivíduo experiencia como sendo positivo ou negativo para a relação. O segundo refere-se à perceção de cenários alternativos a estar com o parceiro amoroso. E, por fim, o investimento na relação, relaciona-se com todos os recursos, quer tangíveis (e.g. bens materiais) quer intangíveis (e.g. tempo) (Le & Agnew, 2003; Martins et al., 2016; Rodrigues & Lopes, 2017). Ou seja, indivíduos que estão altamente satisfeitos no seu relacionamento, que procuram investir na relação e que percebem a qualidade de alternativas como sendo pouco atrativa, estão altamente comprometidos em manter o seu relacionamento.

Para que um relacionamento se preserve, este deverá manter-se estável e saudável (Salvino, 2016). Para tal, quanto maior for a consistência entre a perceção que o indivíduo

tem sobre o seu parceiro e o que este idealiza com sendo um bom parceiro, maior será a qualidade percebida no relacionamento (Fletcher, Simpson & Thomas, 2000). Mas por vezes surge alguma ameaça na continuidade do relacionamento, como por exemplo, quando a alternativa à relação atual é percebida como tendo qualidade. Nestes casos, o Modelo postula que o compromisso ajuda na ativação de mecanismos pró-relação que têm como objetivo proteger o relacionamento (Rodrigues et al., 2011). Quanto maior o seu compromisso, maior a probabilidade de ativar comportamentos benéficos para a relação, nomeadamente derrogação de alternativas, acomodação, perdoar um parceiro e disposição para se sacrificar (Rusbult, Arriaga, Agnew, 2001).

Já existem muitos estudos que analisaram este modelo de forma a verificar se realmente o compromisso pode ser avaliado através das três condições apresentadas e se este ativa ou não mecanismos pró-relação. Em seguida serão apresentados alguns deles. Por exemplo, Drigotas, Safstrom e Gentilia (1999), examinaram que tanto o compromisso como o investimento eram preditores significativos de CED. Em contrapartida no estudo de McAlister, Pachana e Jackson (2005), apuraram que a qualidade de alternativas seria o preditor mais forte de CED, que iria abranger desde uma inclinação para ter comportamentos menos explícitos como beijos, até comportamentos mais explícitos como o sexo extra-diádico. Já Banfield e McCabe (2001), verificaram, num estudo em que a amostra era só mulheres, que as intenções destas em se envolverem em CED era mais elevada quando o seu compromisso com a relação primária era baixo. No estudo de Rodrigues et al. (2016a), mostraram existência de uma associação entre a homossexualidade e os CED. Ou seja, indivíduos com a sua homossexualidade menos restrita tinham uma maior probabilidade de se envolverem em CED, comparativamente com indivíduos com a sua sexualidade mais restrita, mas isto apenas quando se sentiam menos comprometidos. Pois de acordo com um estudo de Rodrigues e Lopes (2017), os indivíduos mais comprometidos estavam menos interessados em procurar por parceiros alternativos à sua relação atual, comparativamente com os que relatavam menos compromisso, independentemente da sua homossexualidade. Dado que estes autores encontraram uma associação negativa entre o compromisso e a atração física e sexual por uma pessoa atrativa. Assim, indivíduos que se sentiam comprometidos com os seus parceiros optavam por derrogar as alternativas, tendo menor probabilidade de se envolverem em CED. De acordo com a Teoria de Pluralismo Estratégico de Gangestad e Simpson (2000), apesar de indivíduos menos restritos na sua sexualidade terem mais propensão para ter desejos ou atitudes mais favoráveis ao sexo casual, podem decidir não ter esses comportamentos por não estarem motivados para tal. Esta teoria sugere que estes acabam por

acomodar esta predisposição individual para ter sexo casual, por se sentirem comprometidos com o seu parceiro. Assim, ativam estratégias de manutenção que permitem a continuidade do relacionamento (Gangestad & Simpson, 2000). Ou seja, os indivíduos quando motivados para estar num relacionamento tendem a evitar tipos de comportamentos que podem vir a ser potenciais desestabilizadores no relacionamento (e.g. ter envolvimento sexual, Rodrigues et., 2016a). O que vai de encontro com o sugerido pelo o Modelo, pois parece que os indivíduos por se sentirem mais comprometidos na sua relação acabam por perceber as alternativas como menos atraentes, possivelmente porque sentem que têm muito a perder.

Em suma, é possível verificar o grau de importância que o elevado compromisso tem nos relacionamentos amorosos, sendo a grande base que sustenta as relações e estando fortemente associado à prevenção de CED. Assim quando o compromisso é baixo, pelas possíveis razões que foram assinaladas anteriormente, através do Modelo de Investimento, poderá estar uma possível condição para a tendência de ter comportamentos extra-diádicos. Ou seja, ter ou não ter CED pode variar quando o grau de compromisso também varia (Rodrigues et., 2016a).

Estando o estilo de pensamento associado à forma como as pessoas interagem socialmente (Messick, 1984), quer em amizades, quer em relacionamentos amorosos, a questão que se coloca, é se o mesmo não se passará para as pessoas que têm uma postura menos focada perante a vida. Pois a forma como as pessoas pensam, poderá influenciar a forma como interagem com os outros. Estas formas distintas de processar a informação poderão explicar o porquê de existirem pessoas mais propensas ao CED. Assim, é importante analisar mais detalhadamente o que é então o estilo de pensamento e como é que este influencia nas decisões que as pessoas tomam diariamente.

1.2. Estilos de Pensamento

Existem diferenças individuais na forma como as pessoas processam a informação e pensam sobre as suas vivências (Anderson, 2015; Santos, Sisto e Martins, 2003). Isto poderá justificar o porquê de as pessoas reagirem de formas distintas para situações semelhantes. Por exemplo, se ocorrer um assalto e existirem duas testemunhas diferentes, uma pode ficar extremamente nervosa com a situação e ter mais dificuldade em recordar-se de pormenores.

Enquanto que a outra pode ficar mais alerta e ter uma recordação mais pormenorizada do acontecimento, no entanto ambas estiveram presentes exatamente na mesma situação.

Na presente investigação consideramos equivalentes os conceitos de estilos de pensamento e estilos cognitivos. Allport (1973) definiu estilos cognitivos como “*tendências ou predisposições cognitivas e afetivas, que seriam os modos básicos para atuar e pensar e que determinariam as percepções e os julgamentos*” (cit. por Martins, Santos & Bariani, 2005, p. 57). De modo a compreender melhor este conceito, Silva e Wechsler (2010) fizeram uma compilação sobre estilos cognitivos, encontrando diferentes definições para o constructo. Por exemplo, Sternberg e Grigorenko (1997), indicavam que os estilos cognitivos não estavam associados com a inteligência, mas sim com os traços de personalidade. Hutz et al. (1998) encontraram precisamente associações com os traços de personalidade utilizados no modelo dos *Big Five*, tais como, socialização, extroversão, realização, neuroticismo e abertura. Já Hederich e Camargo (1999), consideravam que o pensamento se preservava estável e consistente ao longo da vida. Mais tarde, Ferreira e Ramos (2004), descrevem os estilos cognitivos como uma forma própria de processar a informação mentalmente, envolvendo processos de tomada de decisão e solução de problemas. No entanto para Vygotsky, era a partir da história social dos indivíduos que advinham todas as capacidades cognitivas básicas, ou seja, estas eram desenvolvidas no seio histórico-social da sociedade em que se inseriam (Luria, 1976 cit por Garcia, 2002). O que significava, para este autor, que as habilidades cognitivas e o modo como o indivíduo estruturava o seu pensamento não ocorria através de fatores congénitos (Garcia, 2002). Neste sentido, investigadores como Messick (1984) afastam a ideia de que os estilos cognitivos implicam um determinado nível de inteligência, capacidade ou habilidade, mas sim que dependem das tendências de cada um em processar a informação. Mais recentemente, Kozhevnikov (2007) sugeriu que as diferenças individuais cognitivas podem ocorrer por diversos fatores, tais como, habilidades gerais e constrangimentos cognitivos. Independentemente de os estilos cognitivos serem relativamente estáveis, a Teoria da Atribuição (Heider, 1958), vai um pouco de encontro com estes últimos autores, uma vez que propõe que estas diferenças não se desenvolvam apenas a partir da própria inteligência e personalidade, mas também “*podem ser adquiridos através da interação do indivíduo com o ambiente externo*” (cit. por Kozhevnikov, 2007, p. 469; McLeod, 2010). Por exemplo, as pessoas podem adquirir um determinado estilo através da experiência repetida de um evento, a partir daí criam uma expectativa do que poderá vir a acontecer sempre que aquele evento se repita, começando a atuar de acordo com expectativa

criada. Assim, é possível verificar como o conceito foi sofrendo algumas alterações ao longo do tempo.

As pessoas deverão ser vistas como adaptáveis ao contexto pelo qual processam e organizam a informação, o que poderá ser um indicativo de que os indivíduos poderão apresentar dois estilos de pensamento aparentemente opostos. Autores como Duffau (2006), que defendem que o cérebro poderia ser decomposto em quatro quadrantes, que iriam corresponder a determinadas preferências para organizar a informação, afirmam que “*seria ingênuo não considerar a plasticidade cerebral do ser humano e deduzir que cada pessoa ocupa um lugar definido e estático (...), restringindo o seu comportamento às atitudes típicas de um único quadrante*” (cit. por Pinheiro, 2009, p. 157). Isto demonstra que é normal que haja uma oscilação entre os diferentes estilos. De acordo com Messick (1984), os estilos cognitivos são relevantes para o desenvolvimento humano nas suas interações sociais. O que vai de encontro com a ideia de que os diferentes estilos de pensamento podem reagir de modo distinto nas mesmas situações, e por isso, é provável que o mesmo se passe no contexto dos relacionamentos amorosos (Silva & Wechsler, 2010).

Não existe consenso na literatura relativamente aos tipos de estilos cognitivos de pensamento existentes. Por exemplo, Phillips, Fletcher, Marks e Hine (2016) realizaram um estudo sobre estilos de pensamento Intuitivo e Reflexivo. Segundo estes autores, estes estilos de processamento de informação foram rotulados de outras formas, por exemplo, Sistema 1 e Sistema 2 (Stanovich & West, 2003), ou Heurístico e Analítico (Evans, 2006). Rozenzweig e Corroyer (2005) optaram por investigar o estilo de pensamento Reflexivo e Impulsivo. Já para Dijkstra, Pligt e Kleef (2014) referem existir um estilo de processamento Global versus Local. Epstein, Pacini, Denes-Raj e Heier (1996) mencionam estilos de pensamento Intuitivo/Experiencial e Analítico/Racional. E, por fim, nos estudos de Santos et al. (2003) e Martins et al. (2005), selecionaram um maior número de estilos de pensamento, incluindo deste modo, o Impulsivo/Reflexivo, o Convergente/Divergente e o Holista/Serialista. Numa revisão de literatura, Hayes e Allinson (1994) identificaram 22 dimensões que têm vindo a ser associadas ao estilo cognitivo. De acordo com Riding (1997), chegou-se à conclusão de que as investigações utilizavam designações diferentes para descrever as mesmas dimensões, tal como Messick (1984, cit. por Santos et al., 2003, p. 11-12) argumenta “*entre elas há elementos que se sobrepõem, sem torná-las mutuamente exclusivas*”. Deste modo, torna-se difícil compreender e analisar todos os estilos de pensamento, pois alguns acabam por se complementar noutros.

Integrando um vasto conjunto de literatura sobre esta temática (Dijkstra et al., 2014; Epstein et al., 1996; Fernandes, 2001; Förster & Dannenberg, 2010; Hayes & Allison, 1994; Kahneman, 2003; Kahneman & Tversky, 1982; Martins et al., 2005; Mundim, 2004; Pasa, 2013; Phillips et al., 2016; Pinheiro, 2009; Rozencwajg & Corroyes, 2005; Santos et al., 2003; Siqueira & Wechsler, 2009; Smith, 1998; Souza, 2010), verificamos que, de uma forma ou de outra, os diversos estilos de processar a informação acabam por estar todos interligados. Por outras palavras, poderíamos categorizar os estilos de pensamento em: (a) Local, Concreto, Sistema 2, Analítico, Convergente, Adaptador e Reflexivo, e (b) Global, Abstrato, Sistema 1, Intuitivo, Divergente, Inovador e Impulsivo. Um estudo realizado por Epstein et al. (1996) faz precisamente essa divisão atribuindo a designação de Sistema Racional e de Sistema Experiencial. Estes autores baseiam-se na Auto-teoria Cognitivo-Experiencial (“Cognitive-Experiential Self-Theory” CEST; Epstein, 1990, 1991, 1993, 1994 cit. por Epstein, et al., 1996) que sugere que o ser humano processa a informação através da interação de dois sistemas em paralelo. Em conformidade com a CEST, o Sistema Racional “*opera principalmente no nível consciente e intencional, analítico, principalmente verbal, relativamente livre de afeto*” enquanto que o Sistema Experiencial é “*automático, pré-consciente, holístico, associativo, principalmente não verbal, intimamente associado ao afeto*” (cit. por Epstein, et al., 1996, p. 391). As principais características dos dois estilos de pensamento está sumariada no Quadro 1.1.

Sistema Experiencial	Sistema Racional
1. Intuitivo	1. Analítico
2. Não exige esforço	2. Exige esforço
3. Afetivo: orientado para prazer-dor (o que sabe bem)	3. Lógico: orientado para a razão (o que é racional)
4. Comportamento mediado por eventos passados	4. Comportamento mediado por uma avaliação consciente de eventos
5. Processamento mais rápido: orientado para ação imediata	5. Processamento mais lento: orientado para ação mediata
6. Válido de forma autoevidente (é evidente para o indivíduo que é válido): “Experienciar é acreditar”	6. Requer justificação através da lógica e das evidências

Quadro 1.1. – *Comparação dos Sistemas Experiencial e Racional*

Fonte: Epstein et al. (1996) – Individual differences in intuitive-experiential and analytical-rational thinking styles

De acordo com Epstein et al. (1996), o modo como o indivíduo responde aos seus problemas pode depender das diferenças individuais nas tendências para atuar mais num estilo do que noutro. Tal como é possível verificar através do quadro o sistema experiencial é um tipo de processamento muito mais rápido e que não exige esforço, comparativamente com o sistema racional, e que por isso não envolve grande reflexão. Este tipo de sistema poderá induzir o indivíduo ao erro por não pensar em todas as alternativas possíveis e responder de forma mais intuitiva, o que demonstra um tipo de processamento mais superficial. Na literatura subsistem diversas teorias relativamente à forma como se procede o processamento de informação. Tendo em conta tudo o que foi descrito, apesar do pensamento ser complexo, este é flexível (Pinheiro, 2009). Por essa razão é passível afirmar que os indivíduos tenham a capacidade para ativar os dois sistemas, no entanto, é necessário estarem motivados para tal, uma vez que um requer um maior esforço que o outro. Neste sentido, para melhor compreender o estilo de pensamento é importante analisar mais aprofundadamente as teorias de processamento.

1.2.1. Teorias de Processamento de Informação.

O modo como o processamento do pensamento ocorre pode ser analisado através de diferentes perspetivas. Sendo assim, os estilos cognitivos considerados opostos deveriam ser independentes uns dos outros, ou seja, se o indivíduo teria um estilo de pensamento divergente então não teria características do estilo de pensamento convergente, dispondo apenas das características de um dos estilos cognitivos (Martins et al., 2005; Riding, 1997). Num estudo de Bariani, Sisto e Santos (2000), foi encontrada uma correlação inversa entre os estilos cognitivos, suportando empiricamente a ideia que as pessoas utilizam apenas um dos estilos de pensamento – impulsivo ou reflexivo – e não ambos ao mesmo tempo.

A Teoria do Duplo Processamento sugerida por Evans em 1975 (Evans, 1984), retrata a existência de duas formas distintas de processar a informação. Assim, para este autor, um estilo de pensamento é rápido, fácil e intuitivo e o outro é lento, que envolve esforço e analítico, sendo identificados por Sistema 1 e Sistema 2, respetivamente (Souza, 2010). Esta

teoria sugere que todos os indivíduos ativam o primeiro sistema quando estão perante problemas que envolvem uma tomada de decisão, mas este poderá ser substituído pelo segundo sistema caso o indivíduo tenha a capacidade e esteja motivado a adotar o tipo de processamento que abarca um maior esforço (Souza, 2010). Por esta razão o Sistema 1 é o mais recorrente, precisamente por não ser necessário um maior esforço cognitivo que permite um processamento mais cuidado. Estas teorias de duplo processamento são comuns no estudo de estereótipos e preconceitos (e.g. Devine, 1989) ou persuasão (e.g. Petty & Cacioppo, 1986), entre outros. Segundo Evans (2010), o pensamento intuitivo domina a maior parte do tempo do raciocínio e isto acontece porque, de acordo com Souza (2010), na maior parte das vezes, as pessoas não têm a capacidade nem a motivação e deixam-se influenciar pelos estereótipos. Estudos de Devine (1989) explicam que quando as pessoas percecionam um determinado indivíduo, estereótipos mais salientes associados a característica(s) do indivíduo são ativados de forma automática, o que poderá orientar o comportamento futuro do mesmo. Contudo, se o processamento cognitivo for controlado, por existir motivação e recursos cognitivos que o permitem, pode inibir a utilização de estereótipos. Devine (1989) demonstrou isso num estudo onde todos os participantes independentemente do grau de preconceito que tinham, quando a capacidade de monitorizar conscientemente o estereótipo era retirada, ativavam automaticamente estereótipos. Apesar destes não determinarem qual o sistema que é utilizado, mostra que as pessoas têm recursos cognitivos limitados que geram automaticamente um processamento de informação superficial e que para tal ser inibido é necessário estar motivado e ter capacidade. Petty e Cacioppo (1986) propõe uma outra teoria de duplo processamento no campo da persuasão, sugerindo que existem duas direções diferentes na tomada de decisão. Uma direção é conhecida como a rota central e acontece quando o indivíduo pensa cuidadosamente sobre uma situação, organizando a informação de modo a sustentar o seu argumento, onde a motivação e habilidade do mesmo são elevadas. A outra direção é denominada por rota periférica e sucede quando o individuo não pensa cuidadosamente sobre a situação, recorrendo a atalhos para fazer julgamentos, onde a motivação e habilidade do mesmo são baixas. Strack e Deutsch (2004) propõe ainda outra teoria de duplo processamento, dividindo os dois sistemas em reflexivo e impulsivo. No primeiro, as decisões são tomadas tendo como base o conhecimento e toda a informação resultante do problema é processada. No segundo, as decisões são tomadas tendo em conta a utilização de esquemas, onde não ocorre quase nenhum processamento (Strack e Deutsch, 2004). Autores como, Sternberg e Grigorenko (1997), vão mais longe propondo a Teoria da Auto Direção Mental, que nos diz que os indivíduos dispõem, de um certo modo, todos os

estilos de pensamento cognitivo. Isto é, os sujeitos podem ter uma maior tendência a operar de uma determinada forma de acordo com as suas próprias tendências, mas é possível responder de forma impulsiva ou reflexiva dependendo do contexto. Tal como é possível analisar, todas estas teorias se complementam, pois todas têm como base a ideia de que a capacidade e a motivação é que determinam um processamento superficial ou cuidado.

Estas teorias ajudam a compreender o porquê de as pessoas com um estilo de processamento tendencialmente do Sistema 1 (intuitivas) poderem estar mais propensas a CED, comparativamente com as pessoas com um estilo de processamento tendencialmente do Sistema 2 (analíticas). Isto porque as pessoas tendencialmente mais intuitivas são as que possivelmente processam a informação de forma mais superficial, pois não pensam cuidadosamente na informação. O que talvez signifique que estas possam não ter em conta aspetos importantes nos seus relacionamentos, tomando decisões de forma mais impulsiva, que podem levar a que tenham comportamentos que possam ser prejudiciais para a relação. Como por exemplo, uma pessoa com um estilo de pensamento mais intuitivo pode estar motivada para ter CED, por não processar toda a informação que lhe permite refletir sobre as possíveis consequências. Uma pessoa com um estilo de pensamento mais analítico poderá estar mais motivada e ter a capacidade para processar toda a informação de uma forma mais cuidada, quando confrontada com a possibilidade de ter CED.

Numa relação amorosa, pessoas mais experienciais poderão estar mais abertas a novas experiências por estarem mais orientadas para o imediato e por essa razão estarem mais propensas a CED. No entanto as pessoas são vulneráveis à mudança e apesar de poderem ter mais tendência para ter estes comportamentos, também poderão inibi-los quando se sentem comprometidos. Em suma, acreditamos que independentemente da tendência para ter mais um estilo do que outro, quando o compromisso é elevado a probabilidade de ocorrência de CED diminui.

1.3. Comportamentos Extra-diádicos

No nosso quotidiano somos deparados com variadíssimas situações que envolvem uma tomada de decisão, como por exemplo, optar por uma alimentação saudável ou encontrar um trabalho em que nos sintamos realizados (Phillips et al. 2016). Por vezes tomamos decisões que não são normativamente corretas por parecer que, naquela circunstância, é a melhor decisão a tomar. A investigação baseada em relatos pessoais tem demonstrado que um

relacionamento amoroso tem como requisito base a confiança e a lealdade (Holmes & Rempel, 1989). Assim, quando ocorre uma violação das mesmas por parte de um dos parceiros com alguém que não o parceiro primário (i.e., CED), tal violação é considerada como uma transgressão (Melo & Afonso, 2011). O que acontece de um modo geral é que existem determinadas normas sociais para um relacionamento, que determinam o que é, ou não, aceitável fazer. Contudo, muitas vezes estas normas são apenas implícitas e não são discutidas entre ambos os parceiros (Boekhout, Hendrick & Hendrick, 2003; O'Sullivan & Ronis, 2013).

Para melhor compreender o CED, é necessário analisar que tipo de comportamentos são percebidos como fazendo parte de um comportamento transgressor (Martins et al., 2014). Existem dois tipos de CED, o emocional e o físico. O primeiro, abrange os comportamentos que permitem criar um vínculo afetivo com outra pessoa (e.g. apaixonar-se), e o segundo, engloba todos os comportamentos que podem existir numa relação sexual com outra pessoa que não seja o parceiro (e.g. beijar, contato íntimo, sexo oral) (Sousa, Santos & Almeida, 2009; Martins et al., 2014). Estes comportamentos podem ocorrer em ambiente virtual (i.e., de forma não presencial) ou *offline* (i.e., presencialmente). Dado neste estudo termos por objetivo estudar uma amostra de utilizadores do *Second Love*, iremos apenas focar nos dois tipos de CED *online*.

Na literatura, são vários os estudos que tentam procurar compreender quais os fatores que estão mais associados a estes comportamentos. Segundo Mark et al., (2011), grande parte dos estudos focam-se em diferenças de sexo. Com base em dados retrospectivos e autorrelatos, de um modo geral, os resultados sugerem que as mulheres podem ter CED por não se sentirem satisfeitas com a relação primária, tendo mais facilidade em manter relações de cariz emocional com os parceiros extra-diádicos. Os homens podem ter CED por se sentirem sexualmente insatisfeitos, tendo muito mais facilidade em manter relações de cariz sexual com os parceiros extra-diádicos (Calhau, 2014; Glass & Wright, 1985). Tal vai ao encontro dos resultados de Rodrigues et al. (2016a), ao mostrarem que os homens estão mais motivados a conhecer pessoas no *Second Love* com o objetivo de terem sexo casual extra-diádico, enquanto que as mulheres estão motivadas para conhecer outras pessoas no *site*. Ou seja, os homens podem ter mais CED físico e por isso podem sentir uma maior intimidade física com o parceiro extra-diádico e as mulheres podem ter mais CED emocional e por isso podem sentir uma maior intimidade emocional com o parceiro extra-diádico. Muitas investigações têm analisado as diferenças entre os sexos, uma vez que o senso comum transporta a ideia de que os homens têm mais CED do que as mulheres. O *sexual double*

standard diz respeito a uma crença normativa de que as mulheres são mais fortemente julgadas, comparativamente com os homens, quando têm comportamentos como, sexo casual (Milhausen & Herold, 1999). O que as pesquisas sugerem em relação ao comportamento sexual das mulheres e dos homens é que esta crença ainda poderá influenciar o comportamento dos dois sexos. De acordo com estudos de Weinberg, Lottes e Shever (1995), os homens tendencialmente relatavam serem mais precoces no início da sua atividade sexual e com um maior número de parceiros sexuais ao longo do tempo, comparativamente com as mulheres (Laumann, Gagnon, Micheal & Michaels, 1994). No entanto, mais recentemente, Allen et al. (2005) e Brand, Markey, Milss e Hodges (2007) verificaram que as diferenças entre os sexos são cada vez menos pronunciadas principalmente nos grupos mais jovens. Demonstrando assim, que na realidade as diferenças de sexo no comportamento sexual não são tantas como a sociedade assume (ver também Martins et al., 2016; Rodrigues et al., 2016a; Rodrigues, Lopes & Pereira, 2016b; Shaw et al., 2013), e isso pode dever-se às mudanças culturais (Salvino, 2016).

Outro fator associado aos CED é a duração da relação. Neste fator, não existe grande consenso na literatura. Por um lado, alguns estudos encontraram uma associação entre CED e duração da relação, quando os indivíduos estavam casados, uma vez que o hábito pode fazer com que as relações alterem a sua qualidade percebida. Isto pode acontecer, pelo facto de o parceiro deixar de investir tanto na relação da mesma forma que no início. Consequentemente poderá levar a que os benefícios do casamento se tornem cada vez mais longínquos, como por exemplo, frequência sexual reduzida ou menor satisfação sexual (Træen, Holmen & Stigum, 2007). O que vai de encontro com a ideia de que no decorrer das relações as pessoas variam na qualidade da relação percebida (Rusbult, Martz & Agnew, 1998) e por isso é normal que haja oscilações. Quando a relação se torna duradoura muitas das vezes as relações estagnam, criando relacionamentos de baixa qualidade, precisamente porque um dos parceiros começa a sentir-se negligenciado por parte do parceiro ou menos comprometido por estar, por exemplo, sexualmente insatisfeito (Barta & Kiene, 2005). Dado que a insatisfação na relação é preditora de compromisso e está associada a CED, é possível que os indivíduos em relacionamentos de longa duração se sintam motivados para este tipo de comportamentos. Contudo, existem também evidências de CED em relações de curta duração (Martins et al., 2016). Além disso, algumas evidências mostraram que a probabilidade de ter CED deverá diminuir com o decorrer da relação (McAlister et al., 2005), uma vez que o compromisso e a intimidade vão surgindo com o tempo. Ou seja, numa fase inicial dos relacionamentos, os indivíduos ainda não se sentem comprometidos com o seu parceiro, não estando tão motivados para manter o

relacionamento, tendo maior probabilidade de incidência de CED, contrariamente a relações duradouras.

A idade também poderá ser vista como um fator associado aos CED, uma vez que a imaturidade poderá estar associada a uma maior propensão para ter estes comportamentos (Castro, Poeschl & Coimbra, 2010). Através de uma análise de questionários estes autores, verificaram que as pessoas tendencialmente associam a imaturidade à juventude e por sua vez aos CED. De acordo com Mark et al. (2011), descobriram que em 20% dos relacionamentos em jovens adultos ocorre CED. Grello, Welsh e Harper (2006), também encontraram que 21% dos jovens que participaram no estudo, tinham relatado ter uma experiência sexual com um parceiro fora da relação primária. Vail-Smith, Whestone e Knox (2010), obtiveram resultados similares, mas dividiram entre sexos, descobrindo que 20% das jovens mulheres e 27% dos jovens homens, tiveram CED físico. Como grande parte da literatura se foca em amostras de grupos mais jovens, devido a uma maior facilidade de acesso, iremos analisar se realmente o CED poderá estar associado à imaturidade, tipicamente associado aos jovens, ou não.

De modo a resumir tudo o que foi referido ao longo do enquadramento, as pessoas terem ou não CED, pode se dever ao grau de compromisso sentido. Um(a) poderá ter mais ou menos propensão para ter estes comportamentos devido ao seu estilo tendencial de processar a informação. No entanto, essa probabilidade diminui quando as pessoas se sentem mais comprometidas. O que acontece é que estas poderão estar mais motivadas para trabalhar nos problemas que surgem ao longo do relacionamento. Se sentem menos comprometidas, talvez não estejam tão motivadas para ultrapassar os obstáculos, apesar de não sabermos se a qualidade da relação baixou com o CED ou se existiu CED por a qualidade da relação ser baixa. O que sabemos, é que o compromisso tem uma forte associação com o CED e que poderá diminuir fortemente a probabilidade de ocorrência destes comportamentos.

1.4. Presente Estudo e Hipóteses

A presente investigação tem como objetivo analisar a relação entre as variáveis estilo de pensamento, CED emocional online (*flirting* virtual), CED físico online (sexo virtual), e percepção de Intimidade Física e Emocional. Assim, tal como Bryman e Cramer (2005) tipificam, este estudo é considerado correlacional, visto que propõe analisar a relação entre as variáveis. Uma vez que estas variáveis não são manipuladas pelo investigador, não permitem estabelecer uma ordem causal entre as mesmas. Isto significa que neste contexto, por exemplo, não sabemos se a relação se foi deteriorando com o tempo levando aos comportamentos extra-diádicos, ou se a relação desvaneceu precisamente devido a estes comportamentos. Neste tipo de estudo é o próprio investigador que define a ordem de causalidade, apoiando-se em variáveis moderadoras, devido à fragilidade das relações encontradas (D'Oliveira, 2013).

Neste estudo foi utilizada uma amostra de indivíduos que se encontravam numa relação romântica, que estavam inscritos num *site* de encontros, o *Second Love*. Este *site* tem como objetivo promover o envolvimento extra-diádico entre pessoas numa relação amorosa. O *Second Love* foi criado de modo a fornecer alternativas mais discreta e seguras, para pessoas que procuravam explorar outras opções. Para se registar no *Second Love* é necessário criar um perfil que será autenticado através de um pagamento com o objetivo de proteger o anonimato e a privacidade dos usuários. Optou-se por esta amostra específica por permitir analisar indivíduos que estão motivados para ter CED. Apesar de isto não significar que já tenham tido CED offline, estão motivados para ter CED online ao pagarem para estar registados. Uma vez que a Internet está cada vez mais presente nas interações nos relacionamentos atuais, é importante perceber como é que estas interações podem influenciar tanto no início dos relacionamentos como na manutenção dos mesmos.

De acordo com a Teoria do Duplo Processamento sugerida por Evans em 1975 (Evans, 1984), existem duas formas distintas de processar a informação. Um estudo realizado por Epstein et al. (1996) atribui a uma forma de processar a designação de sistema racional e a outra sistema experiencial. As pessoas tendencialmente mais experienciais processam a informação de forma mais superficial. Por esse motivo estas poderão não ter em consideração aspetos importantes nos relacionamentos, acabando por tomar decisões de um modo mais impulsivo. Assim é esperado que:

H₁: Estilo de pensamento experiencial esteja associado a mais CED online emocional (*flirting* virtual), mais CED online físico (sexo virtual) e à percepção de maior intimidade (emocional e física) com parceiros extra-diádicos.

Tendo em conta o Modelo de Investimento (Rusbult, 1983) é esperado que o compromisso esteja associado aos comportamentos extra-diádicos, pois pessoas altamente comprometidos em manter o seu relacionamento têm uma menor probabilidade em se envolverem em CED. Exemplo disso, é um estudo de Drigotas et al., (1999), que examinaram que o compromisso era um preditor significativo de CED. Assim:

H₂: Baixo compromisso deverá estar associado a mais CED online emocional (*flirting* virtual) e mais CED online físico (sexo virtual), bem como à percepção de maior intimidade (emocional e física) com parceiros extra-diádicos.

Estudos como os de Rodrigues et al., (2016a) mostraram que um elevado compromisso diminui a probabilidade de envolvimento em CED, dado que mesmo indivíduos com atitudes mais permissivas face a CED, só incorrerão neste tipo de comportamentos se estiverem motivados para tal (Barta & Kiene, 2005). Assim é esperado que pessoas com um estilo de pensamento predominantemente experiencial tenham maior probabilidade de ter CED, mas apenas quando estão pouco comprometidas. Quando estão muito comprometidas, esta associação deverá anular-se. Assim:

H₃: Esperamos uma interação entre estilo de pensamento e compromisso nos CED online emocional (*flirting* virtual) e no CED online físico (sexo virtual), bem como na percepção de intimidade (emocional e física) com parceiros extra-diádicos.

Visto que alguns autores têm vindo a verificar que as típicas diferenças entre homens e mulheres no comportamento sexual estão cada vez menos pronunciadas (e.g., Allen et al., 2005; Brand et al., 2007; Martins et al., 2016; Rodrigues et al., 2016a), e visto que a literatura não é consistente no que se refere à associação entre duração da relação e propensão para CED (Barta & Kiene, 2005; Martins et al., 2016; McAlister et al., 2005; Rusbult et al., 1998; Træen et al., 2007), iremos controlar estas variáveis, juntamente com a idade dos participantes, nas nossas análises.

II - Método

2.1. Participantes

No presente estudo, o método de amostragem foi não-probabilístico/não-aleatório, mais concretamente uma amostragem intencional. Esta é selecionada tendo em conta a disponibilidade e acessibilidade dos indivíduos que compõem a população. Este tipo de amostragem tem como objetivo estudar mais detalhadamente uma determinada população específica, o que não permite uma generalização de resultados (Setia, 2016).

A amostra inicial era constituída por 491 participantes. No entanto, existiram alguns critérios de exclusão nomeadamente, questionários não finalizados e participantes sem um relacionamento amoroso. Assim, a amostra final foi composta por 213 participantes (136 do sexo masculino) com idades compreendidas entre os 24 anos e os 76 anos ($M = 43.68$; $DP = 9.43$). Na sua maioria, os participantes indicaram ser heterossexuais (91.1%), residiam maioritariamente no Centro e na Área Metropolitana de Lisboa (69.5%), eram principalmente trabalhadores (79.3%) e casados ou em união de facto (78.4%). Mais de metade da amostra indicou ter Bacharelato/Licenciatura (57.7%). Em média, a duração da relação amorosa foi de 15.24 anos ($M = 182.83$ meses, $DP = 119.77$; Mínimo: 1 mês, Máximo: 528 meses), e a maioria (77.5%) indicou coabitar com o seu parceiro de forma permanente. Os participantes estavam no *site* do *Second Love* em média há cerca de 8.76 meses ($M = 264.09$ dias $DP = 400.68$; Mínimo: 1 dia; Máximo: 1800 dias) e a maior parte indicou não estar inscrito enquanto casal (56.3%).

2.2. Medidas

2.2.1. Inventário Racional-Experiencial.

Foi utilizada a versão reduzida do Inventário Racional-Experiencial (IRE) composta por 10 itens e desenvolvida por Epstein et al. (1996) a partir do original *Rational-Experiential Inventory*. Este questionário pretende aceder a diferenças individuais no que diz respeito à tendência para operar num modo de pensar analítico-racional ou intuitivo-experiencial. Este inventário contém duas escalas, uma que mede o pensamento racional que proveio originalmente da Escala NFC (Cacioppo & Petty, 1982) (cinco itens, e.g. “*Eu prefiro problemas complexos a problemas simples*” $\alpha = .67$). A outra que mede o pensamento

experiencial (cinco itens, e.g. “*Eu acredito que posso confiar nos meus palpites*” $\alpha = .85$). As respostas foram dadas numa escala de sete pontos (1 = Totalmente Falso, 7 = Totalmente Verdadeiro). A escala total apresentou uma fidelidade adequada ($\alpha = .68$). De forma a termos um único valor de estilo de pensamento, foi construído um índice no qual a média de respostas à escala do pensamento racional foi subtraída à média de respostas à escala do pensamento experiencial (ver procedimento semelhante em Rodrigues, Lopes, & Kumashiro, 2017). Como tal, valores mais elevados representam um estilo de pensamento tendencialmente experiencial.

2.2.2. Escala de Compromisso.

A Escala de Compromisso foi originalmente proposta como parte da *Investment Model Scale* (IMS) desenvolvida por Rusbult et al. (1998), e tendo como propósito medir o grau de compromisso na relação. Esta escala foi adaptada e validada para a população portuguesa por Rodrigues e Lopes (2013). Neste estudo foram utilizados 7 itens que medem o compromisso (e.g. “*Estou comprometido a manter o meu relacionamento com o meu parceiro*”) As respostas foram dadas numa escala de sete pontos (1 = Discordo Totalmente, 7 = Concordo Totalmente). Foi calculada a média de respostas a todos os itens da escala ($\alpha = 0.91$), sendo que valores mais elevados representam maior compromisso.

2.2.3. Inventários de Comportamentos Extra-diádicos

O ICED, do original *Extradyadic Behaviors Inventory* (EDBI) desenvolvida por Luo et al. (2010), tem como objetivo aceder à frequência com que as pessoas têm diferentes tipos de CED com alguém que não seja o seu parceiro(a) atual. Este inventário foi adaptado e validado para a população portuguesa através de Rodrigues et al. (2011) sendo constituído por itens que avaliam os CED virtual e os CED presencial. Para o presente estudo foram utilizados apenas dois itens de comportamentos *online*, isto porque nos interessava analisar estas duas formas de CED, um correspondente a CED emocional o item 3 (*Flirting* virtual - e.g. “*Flirting: Expressou interesse romântico ou sexual através de conversa*”) e um correspondente a CED físico o item 10 (Sexo virtual e.g. “*Fez sexo virtual com essa pessoa*”).

As respostas foram dadas numa escala de sete pontos (1 = Nunca tive este comportamento, 7 = Tenho este comportamento frequentemente).

2.3.4. Intimidade Emocional e Física.

Para medir estas duas variáveis foram utilizadas duas questões com o objetivo de compreender qual o grau de intimidade sentido com parceiros extra-diádicos. Uma questão para a intimidade emocional (e.g. “*Em que medida considera que é emocionalmente íntimo/a com utilizadores/as pelos/as quais se sente atraído/a?*”), e uma questão para a intimidade física (e.g. “*Em que medida considera que é fisicamente íntimo/a com utilizadores/as pelos/as quais se sente atraído/a?*”). As respostas foram dadas numa escala de sete pontos (1 = Nada, 7 = Muito).

2.4. Procedimento

Este estudo foi realizado de acordo com as Diretrizes de Ética pela Comissão Científica do ISCTE-IUL. A recolha de dados envolveu a participação voluntária de indivíduos, onde não existiu qualquer risco físico, social, legal, financeiro, ou outro tipo de riscos associados ao estudo. Os resultados foram analisados de forma a manter o anonimato, não sendo um estudo invasivo. Os participantes foram informados de todos os seus direitos e deveres ao iniciarem o estudo.

Neste estudo, foi construído um questionário através do *Qualtrics* com o objetivo de colocar o *link* do mesmo no *Website* do *Second Love*. Primeiro procedeu-se com a autorização por parte dos administradores do *Second Love*. Após a sua aprovação, o *link* passou a estar disponível para qualquer utilizador que estivesse registado no *site*. Estes ao clicarem no *link* eram encaminhados para uma página informativa, que incluía todas as considerações éticas necessárias para a condução do estudo, tais como a confidencialidade e o anonimato das respostas.

Nesta fase inicial, todos os participantes tinham que ler um consentimento informado. Este tinha como finalidade informar (i) qual o objetivo geral do estudo, bem como as tarefas inerentes ao mesmo; (ii) que nenhuma forma de identificação seria anexada às respostas dos participantes; (iii) que a participação era totalmente voluntária; (iv) que se podia retirar do estudo a qualquer momento, sendo essas respostas excluídas da análise. Depois de clicarem na opção “Concordo participar”, os participantes eram conduzidos à primeira parte do

questionário, que incluía todas as informações demográficas, de relacionamento e de registo no *site*. De seguida era apresentada uma segunda parte que incluía as variáveis principais deste estudo, tais como, estilo de pensamento, compromisso, CED emocional online (*flirting* virtual), CED físico online (sexo virtual) e intimidade emocional e física. As respostas eram de carácter não forçado, o que permitia os indivíduos avançarem no questionário sem responder. No fim, aparecia um *debriefing* onde era explicado aos participantes o objetivo mais concreto do estudo, fornecendo contactos em caso de interesse por parte destes em tirar alguma dúvida. Não existiu nenhuma forma de incentivo para que os utilizadores participassem no estudo. E, por fim, uma vez que não havia tempo limite para concluir o questionário, o tempo médio previsto para terminar o mesmo era de 15 minutos

III - Resultados

3.1. Análise descritiva das variáveis

No Quadro 3.1., apresentamos as estatísticas descritivas gerais e correlações entre as variáveis. Os resultados mostraram uma correlação positiva significativa entre um estilo de pensamento experiencial e a tendência para *flirting* virtual, $p = .002$, bem como para estabelecer intimidade emocional, $p = .014$, e física com outros utilizadores, $p = .042$. O compromisso mostrou-se negativa e significativamente correlacionado com a intimidade emocional, $p < .001$, e física, $p < .001$. Verificou-se também que a tendência para *flirting* virtual se correlacionou positiva e significativamente com a tendência para sexo virtual, $p = .001$, intimidade emocional, $p = .044$, e intimidade física, $p < .001$. Por fim, ambos os tipos de intimidade apresentaram uma correlação positiva e significativa, $p < .001$.

Analisando a correlação destas variáveis com indicadores sociodemográficos, verificou-se que a idade apresentou uma correlação positiva significativa com a duração da relação, $p < .001$, e intimidade emocional, $p = .032$, bem como uma correlação negativa significativa com o compromisso, $p < .001$. Por sua vez, a duração da relação apresentou-se negativamente correlacionada com o compromisso, $p = .005$.

Infidelidade nas relações amorosas

*** $p < .000$; ** $p < .01$; * $p < .05$

	M	DP	1	2	3	4	5	6	7
1. Idade	-	-							
2. Duração da Relação	-	-	.58***						
3. Estilo de Pensamento	0,21	1,68	.02	-.01					
4. Compromisso	4,49	1,54	-.31***	-.25**	.10				
5. Flirting Virtual	4,85	1,76	.12	.07	.26**	-.01			
6. Sexo Virtual	2,75	2,08	-.03	-.01	-.15	-.10	.27**		
7. Intimidade Emocional	4,21	1,71	.17*	.04	.20*	-.34***	.17*	.06	
8. Intimidade Física	4,12	1,82	.15	.01	.16*	-.33***	.29***	.09	.62***

Quadro 3.1. Médias, desvios-padrão e correlações entre as variáveis

No Quadro 3.2. apresentamos diferenças de sexo entre as variáveis. Os resultados mostraram a inexistência de diferenças significativas na maioria das variáveis em análise, todos $p > .053$. A única exceção foi na intimidade física, $p = .029$, sendo que os homens indicaram ter mais intimidade física com outros utilizadores do *Second Love*. Como tal, idade, duração da relação e sexo foram controladas em análises subsequentes.

	Mulheres <i>M (DP)</i>	Homens <i>M (DP)</i>	Teste de diferenças
Estilo de Pensamento	0,06 (1,91)	0,29 (1,55)	$t(165) = -0,86, p = .389$
Compromisso	4,63 (1,79)	4,40 (1,38)	$t(122) = 0,81; p = .419$
<i>Flirting</i> virtual	4,49 (1,77)	5,07 (1,73)	$t(144) = -1,93; p = .784$
Sexo virtual	2,98 (2,12)	2,62 (2,05)	$t(144) = 1,03; p = .784$
Intimidade Emocional	3,86 (1,87)	4,41 (1,59)	$t(152) = -1,95; p = .053$
Intimidade Física	3,70 (1,87)	4,36 (1,75)	$t(152) = -2,20; p = .029^*$

** $p < .01$; * $p < .05$ (Sexo: 1 = Feminino; 2 = Masculino)

Quadro 3.2. *Diferenças de sexo*

3.2. Teste das Hipóteses de Moderação

De modo a testar a hipótese que nos diz que os indivíduos com um estilo de pensamento experiencial têm uma menor probabilidade de ter *flirting* e sexo virtuais, quando se sentem mais comprometidos, foram calculados Modelos de Regressão com 10.000 amostragens, com recurso à macro PROCESS (Hayes, 2013). Em todas as análises a idade, duração da relação e sexo entraram como co-variáveis. Os resultados são apresentados no Quadro 3.3.

		R ²	b	EP	t	p	95% I.C.
Flirting Virtual	Compromisso		-0,01	0,11	-0,09	.976	[-0,22; 0,20]
	Estilo de Pensamento	.11	0,28**	0,10	2,84	.005	[0,08; 0,47]
	Compromisso*Estilo de Pensamento		-0,08	0,05	-1,64	.104	[-0,19; 0,02]
Sexo Virtual	Compromisso		-0,18	0,13	-1,42	.158	[-0,43; 0,07]
	Estilo de Pensamento	.09	-0,03	0,12	-0,23	.819	[-0,26; 0,20]
	Compromisso*Estilo de Pensamento		-0,18**	0,06	-2,94	.004	[-0,30; -0,06]
Intimidade Emocional	Compromisso		-0,37***	0,10	-3,65	.000	[-0,57; -0,17]
	Estilo de Pensamento	.16	0,18	0,09	1,94	.055	[-0,00; 0,36]
	Compromisso*Estilo de Pensamento		-0,06	0,05	-1,17	.244	[-0,15; 0,04]
Intimidade Física	Compromisso		-0,36***	0,10	-3,53	.000	[-0,57; -0,16]
	Estilo de Pensamento	.17	0,18	0,10	1,87	.063	[-0,01; 0,37]
	Compromisso*Estilo de Pensamento		-0,08	0,05	-1,58	.116	[-0,18; 0,02]

*** $p < .000$; ** $p < .01$; * $p < .05$

Quadro 3.3. *Análise de Regressões sobre o Flirting Virtual, Sexo Virtual e Intimidade Emocional e Física, em Função do Estilo de Pensamento e Compromisso*

3.2.1. Interação entre Estilo de Pensamento e Compromisso no *Flirting Virtual*.

Como é possível verificar no Quadro 3.3., o primeiro modelo explica cerca de 11% da variância. Os resultados mostraram que existe uma associação positiva entre o estilo de pensamento e a tendência para fazer *flirting* virtual, $b = 0,28$, $EP = 0,10$, $t(117) = 2,84$, $p = .005$, 95% I.C. [0,08; 0,47]. Contrariamente ao esperado, não se verificou uma interação significativa entre o estilo de pensamento e o compromisso, $b = -0,08$, $EP = 0,05$, $t(117) = -1,64$, $p = .104$, 95% I.C. [-0,19; 0,02]. Contudo, uma análise aos declives simples mostra uma associação positiva entre um pensamento experiencial e a tendência para *flirting* virtual entre as pessoas menos comprometidas (-1 DP), $b = 0,41$, $EP = 0,13$, $t(117) = 3,10$, $p = .002$, 95% I.C. [0,15; 0,67], enquanto que a mesma associação para as pessoas mais comprometidas (+1 DP) não foi significativa, $b = 0,15$, $EP = 0,12$, $t(117) = 1,23$, $p = .222$, 95% I.C. [-0,09; 0,39] (Figura 3.1.).

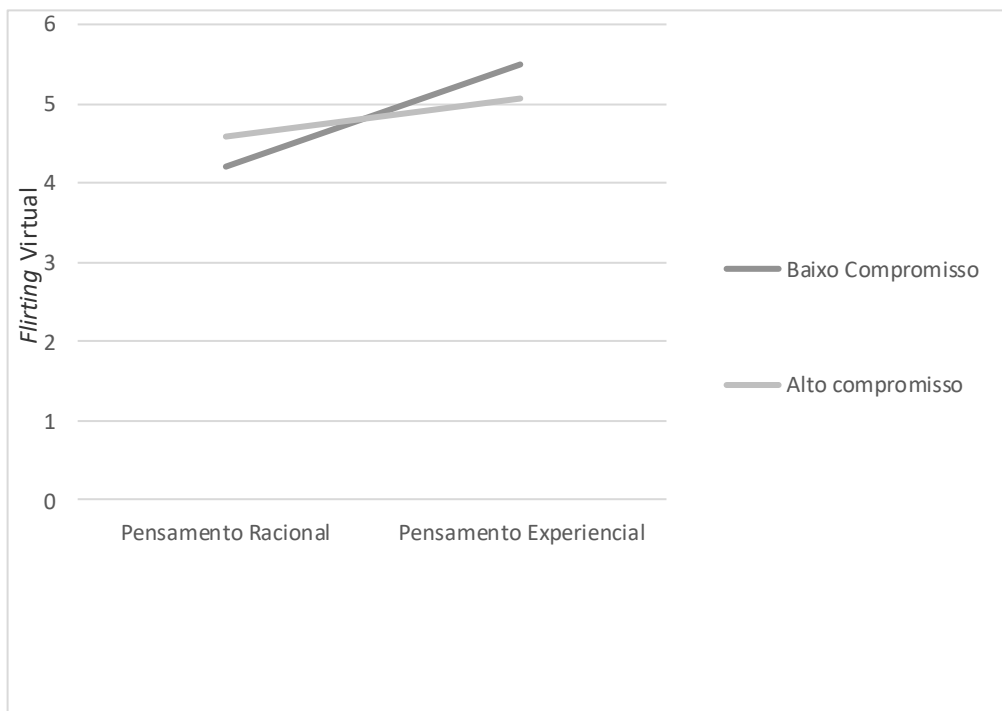


Figura 3.1. *Efeito da moderação do compromisso sobre a relação entre Estilo de Pensamento e Flirting Virtual*

3.2.1. Interação entre Estilo de Pensamento e Compromisso no Sexo Virtual.

O segundo modelo explica cerca de 9% da variância. Como esperado, os resultados mostraram uma interação significativa entre o estilo de pensamento e o compromisso, $b = -0,18$, $EP = 0,06$; $t(117) = -2,94$, $p = .004$, 95% I.C. [-0,30; -0,06]. Uma análise aos declives simples mostrou uma associação negativa entre o estilo de pensamento experiencial e a tendência para sexo virtual entre os mais comprometidos (+1 DP), $b = -0,30$, $EP = 0,14$; $t(117) = -2,13$, $p = .036$, 95% I.C. [-0,59; -0,02], enquanto que tal associação entre os menos comprometidos (-1 DP) foi positiva, mas não atingiu significância, $b = 0,25$, $EP = 0,16$ $t(117) = 1,60$, $p = .112$, 95% I.C. [-0,06; 0,56] (Figura 3.2.).

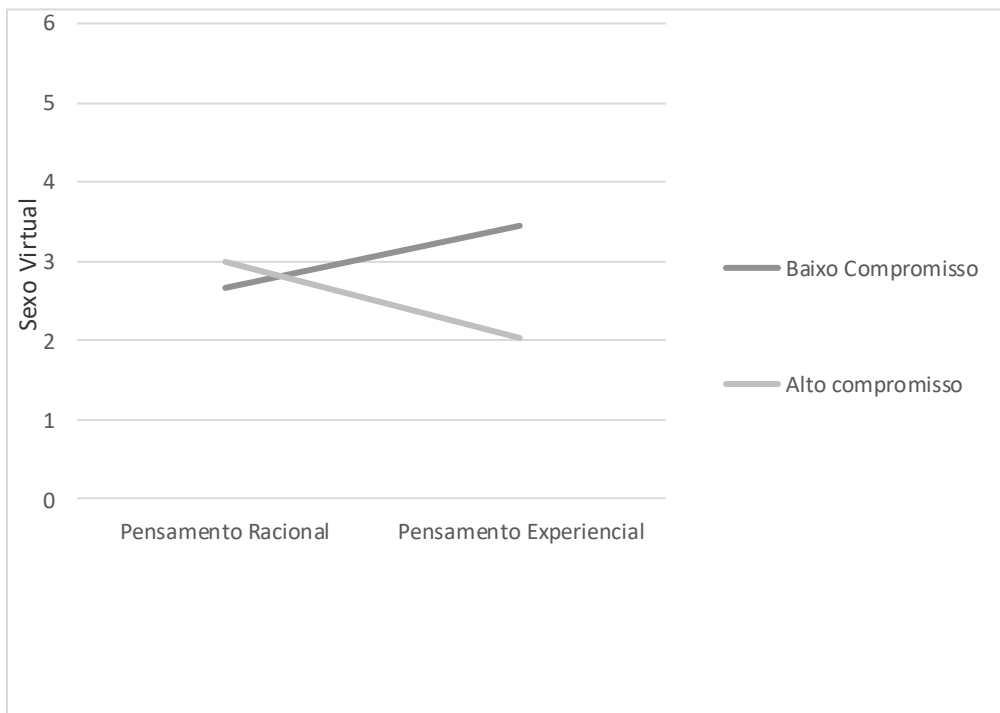


Figura 3.2. *Efeito da moderação do compromisso sobre a relação entre Estilo de Pensamento e Sexo Virtual*

3.2.3. Interação entre Estilo de Pensamento e Compromisso na Intimidade Emocional.

O terceiro modelo explica cerca de 16% da variância. Os resultados mostraram que existe uma associação negativa entre o compromisso e a tendência para sentir maior intimidade emocional, $b = -0,37$; $EP = 0,10$; $t(117) = -3,65$; $p < .001$, 95% I.C. [-0,57; -0,17]. Contrariamente ao esperado, não se verificou uma interação significativa entre o estilo de pensamento e o compromisso, $b = -0,06$; $EP = 0,05$; $t(117) = -1,17$; $p = .244$, 95% I.C. [-0,15; 0,04]. No entanto, uma análise aos declives simples mostra uma associação positiva entre o pensamento experiencial e a tendência para sentir mais intimidade emocional entre pessoas menos comprometidas (-1 DP), $b = 0,27$, $EP = 0,12$, $t(117) = 2,15$, $p = .034$, 95% I.C. [0,02; 0,51], enquanto que a mesma associação para pessoas mais comprometidas (+1 DP) não foi significativa, $b = 0,09$, $EP = 0,11$, $t(117) = 0,81$, $p = .421$, 95% I.C. [-0,13; 0,32] (Figura 3.3.).

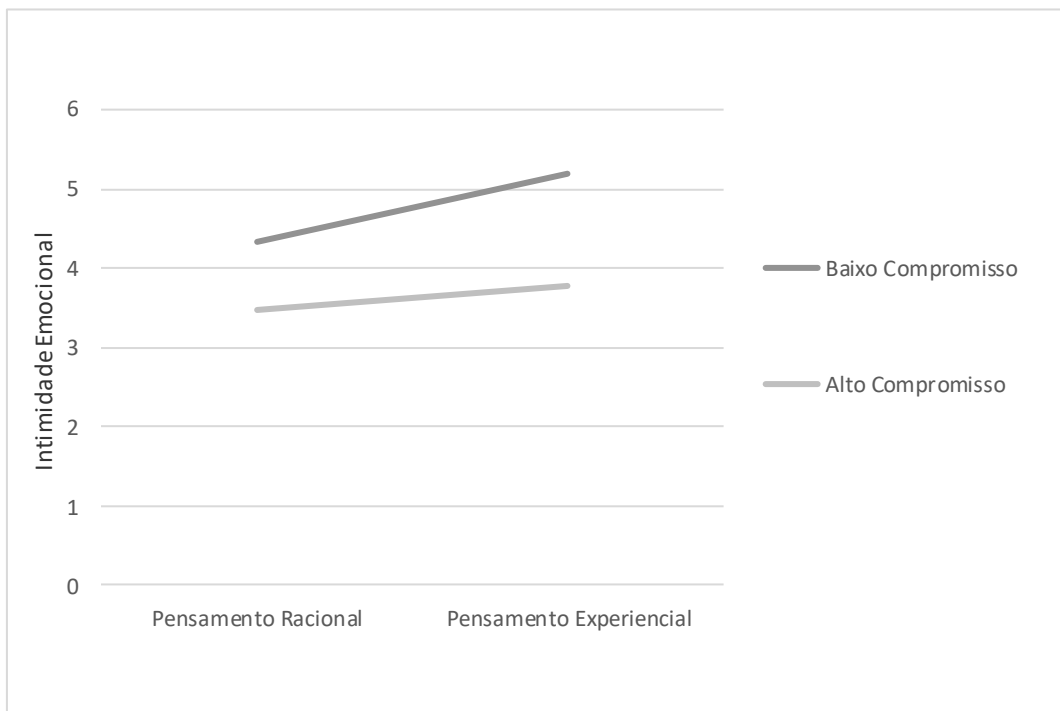


Figura 3.3. Efeito da moderação do Compromisso sobre a relação entre Estilo de Pensamento e Intimidade Emocional

3.2.4. Interação entre Estilo de Pensamento e Compromisso na Intimidade Física.

O quarto modelo explica cerca de 17% da variância. Os resultados mostraram que existe uma associação negativa entre o compromisso e a tendência para sentir maior intimidade física, $b = -0,36$, $EP = 0,10$, $t(117) = -3,53$, $p < .001$, 95% I.C. [-0,57; -0,16]. Contrariamente ao esperado, não se verificou uma interação significativa entre o estilo de pensamento e o compromisso, $b = -0,08$, $EP = 0,05$, $t(117) = -1,58$, $p = .116$, 95% I.C. [-0,18; -0,02]. Ainda assim, uma análise aos declives simples mostra uma associação positiva entre o pensamento experiencial e a tendência para sentir mais intimidade física entre pessoas menos comprometidas compromisso (-1 DP), $b = 0,30$, $EP = 0,13$, $t(117) = 2,35$, $p = .021$, 95% I.C. [0,05; 0,55], enquanto que a mesma associação para pessoas mais comprometidas (+1 DP) não foi significativa, $b = 0,06$, $EP = 0,12$, $t(117) = 0,48$, $p = .631$, 95% I.C. [-0,17; 0,29] (Figura 3.4.).

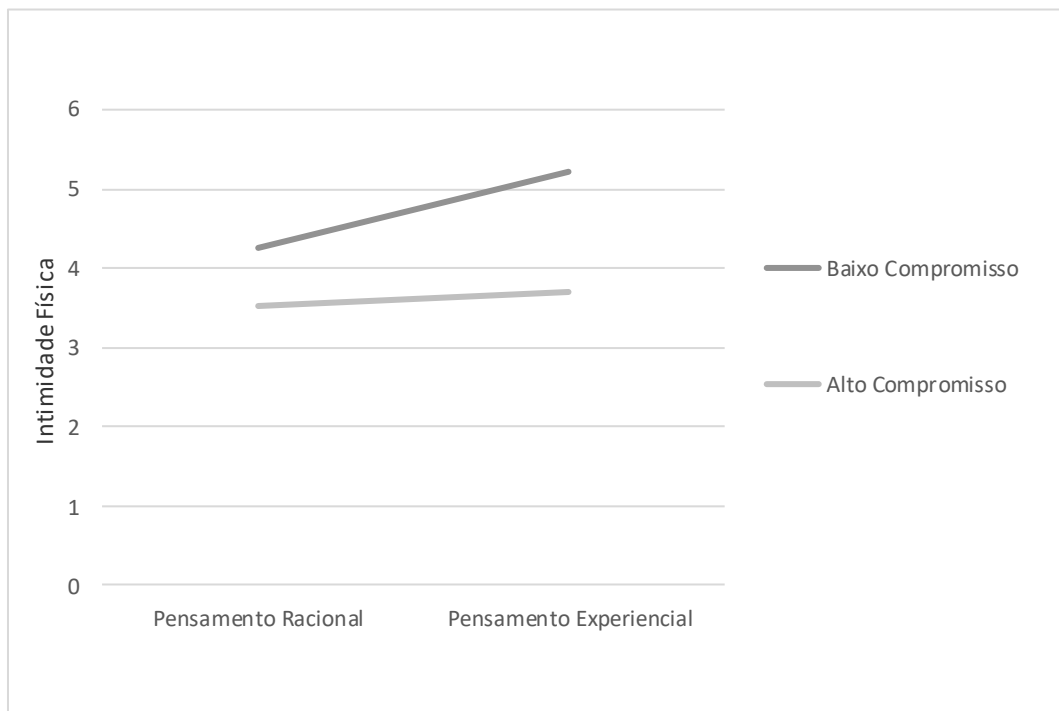


Figura 3.4. *Efeito da moderação do Compromisso sobre a relação entre Estilo de Pensamento e Intimidade Física*

IV - Discussão

Nesta investigação, analisou-se se a disposição para processar de um determinado modo (estilo de pensamento) estaria associada a uma maior probabilidade de ter CED online emocional (*flirting* virtual) e CED online físico (sexo virtual), bem como à percepção de maior intimidade emocional e física com parceiros extra-diádicos, e se essa relação poderia ser moderada pela motivação em permanecer num relacionamento (compromisso). Esta amostra foi composta por indivíduos que estavam inscritos no *Second Love*.

Os nossos resultados suportaram parcialmente primeira hipótese, uma vez que apenas o estilo de pensamento não se correlacionou significativamente com o CED físico (sexo virtual). Ainda assim, o estilo de pensamento correlacionou-se positivamente e significativamente com o CED emocional (*flirting* virtual), com a percepção de intimidade, emocional e física, com os parceiros extra-diádicos. Estas correlações poderão ir ao encontro da ideia de que pessoas experienciais podem estar mais abertas a novas experiências e por isso mais propensas a ter CED, precisamente pelo facto de o sistema experiencial tendencialmente originar um processamento superficial da informação. Então, indivíduos tendencialmente experienciais tendem a tomar decisões de forma mais impulsiva, uma vez que não estão motivados para ativar o sistema Racional, que permite um tipo de processamento mais reflexivo (Epstein et al., 1996; Petty & Cacioppo, 1986; Souza, 2010; Strack & Deutsch, 2004).

A segunda hipótese tem também suporte parcial, pois, apesar de o compromisso se correlacionar negativamente com o CED emocional (*flirting* virtual) e com o CED físico (sexo virtual), tais correlações não foram significativas. Todavia o compromisso correlacionou-se negativamente e significativamente com a intimidade emocional e física. Apesar de esta não se comprovar totalmente, vai de encontro com o expectável, pois quanto menor for o compromisso mais elevada será a propensão para ter CED e sentir uma maior intimidade emocional e física pelo parceiro fora da relação primária. Tal como a literatura sugere, quando os indivíduos estão mais motivados para manter a sua relação amorosa, menor será probabilidade de terem CED (Rodrigues & Lopes, 2016; Rodrigues et al., 2016a). Isto é, os indivíduos tendem a evitar comportamentos que podem potencializar relacionamentos de baixa qualidade, como por exemplo, ter um envolvimento emocional ou físico com alguém que não seja o parceiro. A qualidade percebida está associada à intimidade, lealdade, paixão, confiança, atratividade, etc. Quando esta é sentida como baixa os indivíduos não ativam os

mecanismos de pró-relação (e.g. derrogação de alternativas), pois não estão motivados para manterem o relacionamento, por se sentirem insatisfeitos no mesmo. Estes resultados suportam parcialmente a ideia de que o compromisso poderá surgir como uma possível condição para a tendência de os indivíduos terem CED, tendo em conta o que foi referido sobre a associação que tem com a qualidade da relação. O que por sua vez levará a que os indivíduos se sintam mais íntimos emocionalmente e fisicamente com o parceiro extra-diádico, precisamente por este, aparentemente, estar a colmatar as falhas do parceiro primário (Arriaga & Agnew, 2001; Fletcher et al., 2000; Rodrigues et al., 2016a; Rusbult et al., 2001; Rusbult et al., 1998).

Relativamente aos resultados da terceira hipótese, esta também se confirma parcialmente. Isto porque no primeiro modelo verificou-se uma correlação positiva e significativa entre o estilo de pensamento e a tendência para ter CED emocional (*flirting* virtual). Confirmando a ideia de que os indivíduos com um pensamento experiencial, por estarem abertos a novas experiências, poderiam ter uma maior tendência para ter CED emocional (*flirting* virtual), comparativamente com os indivíduos com um pensamento racional. Apesar de não se verificar uma interação significativa entre o estilo de pensamento e compromisso. Ao analisar os declives verificou-se a existência de uma associação positiva entre o pensamento experiencial e a tendência para CED emocional (*flirting* virtual) pelo menos para pessoas menos comprometidas. O que significa que quando o compromisso é baixo a tendência para ter mais CED emocional (*flirting* virtual) é maior nos indivíduos com um estilo de pensamento experiencial, em comparação com os indivíduos com um estilo de pensamento racional. No segundo modelo, verificou-se uma correlação negativa entre o estilo de pensamento e a tendência para ter CED físico (sexo virtual), mas esta não atingiu significância estatística. O que vai de encontro com a ideia de que esta amostra poderá tendencialmente apenas recorrer ao CED afim de preencher alguma lacuna emocional que está em falta, não recorrendo a comportamentos tão explícitos como o sexo virtual. Ainda assim, os resultados mostraram uma interação significativa entre o estilo de pensamento e o compromisso. Ao analisar os declives verificamos que existe uma associação negativa entre o pensamento experiencial e a tendência para CED físico (sexo virtual) pelos menos para os indivíduos mais comprometidos. Ou seja, quando o compromisso é alto a pessoas com um estilo de pensamento experiencial tendem a ter menos CED físico (sexo virtual). No terceiro modelo, os resultados mostraram a existência de uma associação negativa entre o compromisso e a tendência para sentir uma maior intimidade emocional com o parceiro fora da relação primária. Corroborando a ideia de que o baixo compromisso sentido na relação

primária poderá fazer com que sinta uma maior proximidade com o parceiro extra-diádico. Apesar de não se verificar uma interação significativa entre o estilo de pensamento e o compromisso. Ao analisar os declives verificou-se a existência de uma associação positiva entre o pensamento experiencial e a tendência para sentir mais intimidade emocional para pelos menos pessoas menos comprometidas. Isto vai de encontro com o esperado, uma vez que se verificou que indivíduos tendencialmente experienciais poderão ter uma maior probabilidade de sentirem uma maior intimidade emocional com o parceiro extra-diádico quando o compromisso é baixo, comparativamente com indivíduos tendencialmente racionais. Finalmente, no quarto modelo, os resultados mostraram existir uma associação negativa entre o compromisso e a tendência para sentir maior intimidade física com o parceiro extra-diádico. Apesar de também não se verificar uma interação significativa entre o estilo de pensamento e o compromisso. Ao analisar os declives, existe uma associação positiva entre o pensamento experiencial e a tendência para sentir maior intimidade física para pelo menos pessoas menos comprometidas. O que também vai de encontro ao esperado, uma vez que se verificou que indivíduos tendencialmente experienciais poderão ter uma maior probabilidade de sentirem uma maior intimidade física com o parceiro extra-diádico quando o compromisso é baixo, em comparação com os indivíduos tendencialmente racionais.

No que respeita às variáveis sociodemográficas, verificou-se que algumas poderiam estar a influenciar a relação entre a variável independente e a variável dependente. Deste modo, encontrou-se uma associação negativa entre o compromisso com a idade e com duração da relação. Ao que parece, o compromisso elevado tende a ocorrer nos mais jovens que se encontram numa relação amorosa de curta duração (nos namoros). Sendo esta amostra em média menos jovem e com relações mais longas, é natural que estes apresentem um menor compromisso comparativamente com outras amostras mais jovens, até porque estão a pagar para estar registados num *Website* de encontros. O que por si só já é indicativo de que estão à procura de uma atenção extra-diádica. Isto suporta o argumento de que os indivíduos variam na qualidade da relação no decorrer do tempo (Rusbult et al., 1998). Normalmente nas relações de longa duração, o hábito acaba por reduzir alguns dos benefícios do casamento (e.g. menor frequência sexual e/ou menor preocupação em investir na relação). O que por sua vez leva a um menor compromisso sentido na relação, que está altamente associada aos CED. A relação ao estagnar, faz com que ocorra um desgaste do próprio casamento, criando assim relacionamentos de baixa qualidade. O que poderá acontecer é que um dos indivíduos dentro do relacionamento pode se sentir negligenciado, acabando por procurar noutro parceiro aquilo que não encontra no seu parceiro primário. Assim, quando os indivíduos estão em relações

duradouras de baixa qualidade perdem a motivação para manter o seu relacionamento. No caso desta amostra específica, o baixo compromisso parece ser uma forte condição para a procura de um outro parceiro, existindo uma grande probabilidade de a qualidade da relação ser sentida como baixa (Barta & Kiene, 2005; Rusbult et al., 1998; Træen et al., 2007). Encontrou-se ainda que uma maior intimidade física sentida pelo parceiro extra-diádico parece ocorrer mais no sexo masculino. Isto dá suporte a ideia de que os homens tendencialmente procuram ter CED, quando se sentem sexualmente insatisfeitos e por isso tendem a preferir ter sexo casual extra-diádico (Calhau, 2014; Glass & Wright, 1985). O que levará com que se sintam tendencialmente mais íntimos fisicamente com o parceiro extra-diádico do que emocionalmente. Tal como as evidências mostram que os homens têm uma maior facilidade em ter relações sexuais sem se sentirem emocionalmente íntimos (Calhau, 2014; Glass & Wright, 1985). Uma possível explicação, pelo menos para esta amostra, poderá ser através do *sexual double standard*. Uma vez que diz respeito a uma crença de que o sexo masculino é muito menos julgado quando tem comportamentos transgressores comparativamente com as mulheres. Esta crença poderá fazer com que os homens desta amostra se sintam mais à vontade para ter esses comportamentos. Contudo, as diferenças entre os sexos por serem cada vez menos pronunciadas nos grupos mais jovens, acredita-se que esta crença já não influencie assim tanto no comportamento sexual das pessoas. Antigamente o *sexual double standard* era muito mais demarcado, sendo esta amostra tendencialmente mais velha e, portanto, de outra geração, poderá explicar o porquê de ainda existirem algumas diferenças entre os sexos. Ainda que apenas se tenha verificado numa só variável em estudo (intimidade física) (Milhausen & Herold, 1999; Rodrigues et al., 2016a; Shaw et al., 2013). Por fim, verificou-se uma associação positiva entre a intimidade emocional e a idade. Ao que parece, uma maior intimidade emocional sentida pelo parceiro extra-diádico, tende a ocorrer nos mais velhos. Uma explicação possível para estes resultados, para além do facto de ser uma amostra tendencialmente mais velha, é que estamos perante uma amostra que está inscrita num *site* de encontros. O que significa que existe forte possibilidade de muitos dos participantes apenas recorrerem aos CED online, não chegando a ter estes comportamentos presencialmente. Sendo por isso natural que sintam uma maior proximidade emocional com o parceiro extra-diádico porque possivelmente recorrem a este para, por exemplo, desabafar ou preencher alguma lacuna. Como as restantes variáveis sociodemográficas não foram estatisticamente significativas com as variáveis principais em estudo, não foram consideradas para posteriores análises.

Pontos Fortes, Limitações e Estudos Futuros

Este estudo tem alguns pontos fortes principais. Em primeiro lugar, foi estudada uma nova variável (estilo de pensamento) no campo dos relacionamentos interpessoais, pois do que é do nosso conhecimento esta variável ainda não tinha sido explorada neste aspeto, enriquecendo assim a literatura no contexto das relações amorosas. Em segundo lugar, esta amostra foi constituída principalmente por participantes com relacionamentos longos, mais concretamente, pessoas em relacionamentos com a duração média de 15 anos, contrariamente à grande parte dos estudos que se focam em participantes mais jovens por serem de mais fácil acesso. Terceiro, foi utilizada uma amostra de indivíduos que pagaram para estar inscritos num *site* de encontros dirigido para pessoas em relações amorosas – *Second Love*. Por se tratar de uma amostra bastante específica, mais concretamente, intencional, permitiu analisar o comportamento real (ao invés de percepções que têm sobre CED), uma vez que todos os participantes estiveram envolvidos em pelo menos CED online. Finalmente, em quarto lugar, o facto de ser utilizada uma amostra num *site*, fez com que houvesse uma maior diversificação de participantes em termos de idade, uma vez que apesar dos indivíduos em média serem mais velhos, as idades variaram entre os 24 e os 76 anos. E também em termos de duração da relação, afastando-se deste modo das amostras típicas de estudantes universitários bastante utilizados devido a facilidade de acesso.

A presente investigação foi realizada num *site* que garantia o anonimato das respostas dos participantes, diminuindo assim a forte possibilidade de enviesamento de respostas amplamente associado à desejabilidade social (Martins et al., 2016). O que de acordo com Martins et al. (2014), esta tendência para responder de acordo com o normativo correto em questões de carácter sexual mais sensíveis acaba por ficar mais reduzida em amostras online, comparativamente com estudos que utilizam questionários em papel. Precisamente porque diminui a tendência das pessoas em responder o que é socialmente aceitável (e.g. sobre-reportar ou sub-reportar as respostas) permitindo assim estudar mais de perto o comportamento real (Blow & Hartnett, 2005, Martins et al., 2014). Nesta amostra é também provável que os indivíduos tenham atitudes mais permissivas face à sua sexualidade, sendo menos inibidos, comparativamente com indivíduos que não estão inscritos no *site*. Uma vez que num estudo de Rodrigues et al. (2016a), onde também foi utilizada uma amostra do *Second Love*, concluíram que os seus participantes tinham atitudes altamente favoráveis face ao sexo casual. O que por sua vez também está associado a uma maior propensão para ter

CED. Portanto, é natural que esta amostra também tenha uma maior propensão para ter CED em comparação com amostras com atitudes menos favoráveis ao CED e ao sexo casual.

No entanto este estudo não é desprovido de limitações. Em primeiro lugar, apesar da utilização de uma amostra do tipo intencional, muito específica, permitir atingir detalhadamente uma determinada população, possibilitando, neste caso estudar os comportamentos dos indivíduos com tendências para ter CED em vez de estudar as suas percepções. Este ponto considerado forte nesta investigação, acaba por se tornar um ponto fraco noutra aspeto, uma vez que este tipo de amostra não permite generalizar para a população por não ser uma amostra representativa da mesma (Setia, 2016). Para além de que, o facto de a amostra ter um número reduzido de pessoas poderá não ter permitido atingir a significância estatística desejada. Em segundo lugar, este estudo é correlacional e não possibilita análises de causalidade (Bryman & Cramer, 2005). Deste modo não é possível inferir se o relacionamento se foi deteriorando ao longo do tempo levando ao CED ou se a relação se deteriorou devido ao CED. Em terceiro lugar, devido à natureza sensível deste tópico, a probabilidade de os participantes não responderem de acordo com a desejabilidade social é menor, apesar de no contexto online essa probabilidade reduzir significativamente (Whisman & Snyder, 2007). E, por fim, apesar de estarmos perante uma amostra que garantidamente tinha tido CED online, por estar a pagar para estar registado no *site*, não era garantido que tivesse recorrido ao CED offline, acabando por limitar as generalizações que se podem fazer. De forma a ultrapassar estas limitações em estudos futuros seria importante utilizar uma amostra maior e não tão específica que permitisse a generalização dos resultados para a população. E, ainda, realizar um estudo longitudinal, uma vez que este tipo de design permite analisar as relações causais entre as variáveis em estudo, ou seja, neste contexto avaliar o padrão de CED ao longo do tempo. Pois de acordo com McAnulty e Brineman (2007), é através deste tipo de estudos que se compreende as causas que levam a estes comportamentos e os efeitos que estes têm sobre o relacionamento.

Para estudos futuros seria pertinente analisar a variável estilo de pensamento de um outro modo, uma vez que este estudo se baseou na percepção que os indivíduos têm no seu modo de processar a informação. Por isso, seria interessante criar um teste que medisse os dois estilos de pensamento utilizados neste estudo, para verificar se a percepção dos indivíduos corresponde efetivamente ao seu modo tendencial de processar. Este teste poderia ter perguntas relativamente fáceis de responder, mas que poderiam induzir ao erro em pessoas que fossem tendencialmente mais impulsivas a responder. Pois de acordo com Fernandes (2001), muitas das vezes responder de forma intuitiva sem refletir poderá conduzir a respostas

erradas. Por exemplo, estudo de Kahneman e Tversky (1973) mostraram como o impacto de um indivíduo tendencialmente intuitivo tinha na sua tomada de decisão. Um exemplo de um problema seria: primeiro eram dadas algumas informações de uma amostra que era composta, por exemplo, por 5 engenheiros e 995 advogados. Depois era fornecida uma possível descrição da personalidade estereotipada do que seria um engenheiro. Sendo que a tarefa envolvia escolher a qual grupo o indivíduo provavelmente pertencia tendo em conta que teria sido selecionado aleatoriamente. Tendencialmente as pessoas que responderam de forma intuitiva indicaram que seria um engenheiro porque deram maior ênfase à descrição da personalidade, ignorando a probabilidade estatística.

Seria igualmente pertinente perceber como é que os indivíduos registados no *site* do *Second Love*, ou seja, pessoas que estavam a ter CED, se sentiriam se descobrissem que o seu parceiro tinha tido comportamentos extra-diádicos. Uma vez que grande parte dos participantes indicaram estar registados individualmente sem o conhecimento do parceiro. De acordo com o estudo de Farinha (2010), seria esperado que as mulheres se sentissem mais afetadas com um hipotético CED emocional por parte dos seus parceiros, enquanto que nos homens seria esperado que se sentissem mais afetados com um hipotético CED sexual. Uma vez que as diferenças entre sexos são cada vez menos pronunciadas, seria importante perceber se estas diferenças ainda acontecem.

De acordo com Farinha (2010) a variável ciúme poderá ser muito importante para a qualidade do relacionamento, visto que surge quando existe uma possível ameaça no relacionamento. De acordo com Buss, Larsen, Westen e Semmelroth (1992), Pfeiffer e Wong (1989), o ciúme equilibrado pode desencadear comportamentos que protegem a manutenção da relação quando exposta a ameaças, ativando mecanismos de pró-relação. Contudo, o ciúme poderá surgir como uma condição que poderá levar ao desgaste da relação, quando ocorre em excesso. Estando a qualidade da relação associada aos CED, é possível inferir que a existência de ciúme em excesso poderá aumentar a probabilidade de ocorrência de CED, porque deverá baixar a qualidade da relação sentida.

Seria também interessante analisar a variável autocontrolo, pois de acordo com Tagney, Baumeister e Boone (2004), este contribui de forma positiva nas relações, dado que permite resistir a tentação de se envolver com outros parceiros fora da relação primária. Pois de acordo com Den Daas, Häfner e De Wit (2014), pessoas tendencialmente menos impulsivas lidam melhor com as tentações no geral comparativamente com pessoas tendencialmente mais impulsivas. De acordo com estes autores, as pesquisas mostram que quando as pessoas são impulsivas tendem a tomar decisões sexuais mais arriscadas do que

quando não o são. Isto poderá explicar o porquê de caírem na tentação e assumirem mais riscos sexuais como por exemplo, fazer sexo desprotegido. Estudos futuros deveriam procurar verificar estas diferenças nos indivíduos, uma vez que seria de esperar que indivíduos com menor autocontrolo tivessem uma maior probabilidade em ter comportamentos extra-diádicos.

Para estudos futuros seria importante analisar as variáveis em estudo nos casais sexualmente não monogâmicos, uma vez que estes veem os CED de forma um pouco distinta dos casais sexualmente monogâmicos. Pois para os não monogâmicos estar com outro parceiro não implica necessariamente um comportamento transgressor. Nestes casais existe um acordo consensual prévio que permite a ocorrência de CED, dentro dos limites estabelecidos pelo casal (Cohen, 2016). De acordo com Cohen (2016), indivíduos sexualmente não monogâmicos, reportam relacionamentos felizes e sentem-se preenchidos pelo parceiro na sua totalidade, demonstrando assim que para manter o relacionamento saudável não se tem que seguir necessariamente o típico acordo de monogamia (Mogilski, Memering, Welling & Shackelford, 2015). Estudos recentes de Rodrigues, Lopes e Pereira (2016b) mostram que, tanto para indivíduos sexualmente monogâmicos, como para indivíduos sexualmente não monogâmicos, ter comportamentos como mentir ao parceiro são considerados indicativos de CED. O que vai de encontro com a ideia de que estes casais também têm limites que ao serem ultrapassados quebram a confiança, mas têm uma maior abertura no que consideram indicativo de CED.

Implicações e Conclusões

Os resultados, apesar de não significativos, vão de encontro com a literatura nas teorias do estilo de pensamento (Evans, 1984; Evans; 2010; Petty & Cacioppo, 1986; Souza, 2010; Sternberg & Grigorenko, 1997; Strack & Deutsch, 2004). Uma vez que os resultados mostraram que os indivíduos que têm um estilo de processamento mais experiencial também evitam mais os comportamentos associados aos CED, tal como os indivíduos tendencialmente racionais quando se sentem comprometidos no seu relacionamento. Acreditamos que as pessoas tendencialmente experienciais ou tendencialmente racionais processam de um modo distinto. Onde os indivíduos com um estilo de processamento racional têm em consideração vários aspetos pertinentes para que o relacionamento funcione. Por isso estes tendem a tomar mais decisões que ativam mecanismos de pró-relação comparativamente com os indivíduos experienciais, por estes processarem de um modo mais superficial. Estes comportamentos que

ativam mecanismos de pró-relação tornam-se ainda mais salientes quando os indivíduos se sentem mais comprometidos com o seu parceiro (Etcheverry & Le, 2005), não sentido a necessidade de procurar a atenção numa outra pessoa. Perceber a importância que o compromisso tem numa relação pode potencialmente abrir caminho para o delineamento de programas de intervenção, que ajudem as pessoas a ativar mecanismos de pró-relação. Assim, os clínicos podem potencializar o compromisso ao criar estratégias que permitam ativar mais o estilo de processamento racional. Pois de acordo com Evans (1984) temos a capacidade de ativar os dois modos de pensar. Dado que o modo de pensar racional envolve mais esforço, é necessário motivar o indivíduo para que este o ative (Souza, 2010). Estas intervenções podem ajudar na resolução dos conflitos entre os casais em que já ocorreu comportamentos extra-diádicos, ou até mesmo servir como uma forma de prevenção ao dar as ferramentas necessárias para que o casal trabalhe em conjunto, aumentando assim a qualidade da relação.

Em conclusão, ainda existem poucos estudos que analisam o comportamento extra-diádico através de uma amostra que já está previamente a ter esses comportamentos. Tendo por base os resultados desta investigação, ainda que não significativos na sua totalidade, ter comportamentos extra-diádicos/sentir-se mais íntimo com o parceiro extra-diádico, varia de acordo com o grau de compromisso. Assim, o compromisso acaba por ser uma forte condição para o impedimento de ocorrência de CED. Independentemente de variar de pessoa para pessoa o que será considerado indicativo de CED, quanto mais comprometidas as pessoas se sentirem, mais exigentes se tornam naquilo que pode ou não constituir CED.

Assim, os resultados desta investigação têm implicações teóricas porque ajuda na compreensão de um fenómeno pouco estudado uma vez que grande parte dos estudos sobre CED se focam na percepção do comportamento e não no comportamento em si, por serem amostras de difícil acesso. E, ainda, tem implicações práticas uma vez que, tal como já foi mencionado, permite aos clínicos conceber programas de intervenção e de prevenção de modo a fortalecer o relacionamento.

Referências

- Allen, E. S., Atkins, D. C., Baucom, D. H., Snyder, D. K., Gordon, K. C., & Glass, S. P. (2005). Intrapersonal, interpersonal, and contextual factors in engaging in and responding to extramarital involvement. *Clinical Psychology: Science and Practice, 12*(2), 101–130. doi:10.1093/clipsy/bpi014
- Allen, E. S., & Baucom, D. H. (2006). Dating, marital, and hypothetical extradyadic involvements: How do they compare? *Journal of Sex Research, 43*(4), 307–317. doi:10.1080/00224490609552330
- Amato, P. R., & Previti, D. (2003). People's Reasons for Divorcing: Gender, Social Class, the Life Course, and Adjustment. *Journal of Family Issues, 24*(5), 602–626. doi:10.1177/0192513X03254507
- Anderson, J. R. (2015). *Cognitive psychology and its implications*. New York: Worth Publishers.
- Arriaga, X. B., & Agnew, C. R. (2001). Being Committed: Affective, Cognitive, and Conative Components of Relationship Commitment. *Personality and Social Psychology Bulletin, 27*(9), 1190–1203. doi:10.1177/0146167201279011
- Atkins, D. C., Baucom, D. H., & Jacobson, N. S. (2001). Understanding Infidelity: Correlates in a National Random Sample. *Journal of Family Psychology, 15*(4), 735–749. doi:10.1037/0893-3200.15.4.735
- Banfield, S., & McCabe, M. P. (2001). Extra relationship involvement among women: Are they different from men? *Archives of Sexual Behavior, 30*(2), 119–142. doi:10.1023/A:1002773100507
- Bariani, I. C. D, Sisto, F. F., & Santos, A. A. A. (2000). Construção de um instrumento de avaliação de estilos cognitivos. *Contextos e questões da avaliação psicológica, 173-188*.
- Barta, W. D., & Kiene, S. M. (2005). Motivations for infidelity in heterosexual dating couples: The roles of gender, personality differences, and sociosexual orientation. *Journal of Social and Personal Relationships, 22*(3), 339–360. doi:10.1177/0265407505052440
- Blow, A. J., & Hartnett, K. (2005). Infidelity in committed relationships II: A substantive review. *Journal of Marital and Family Therapy, 31*(2), 217–233. doi:10.1111/j.1752-

0606.2005.tb01556.x

- Boekhout, B. A., Hendrick, S. S., & Hendrick, C. (2003). Exploring infidelity: Developing the relationship issues scale. *Journal of Loss and Trauma*, 8(4), 283–306. doi:10.1080/15325020305882
- Brand, R. J., Markey, C. M., Mills, A., & Hodges, S. D. (2007). Sex differences in self-reported infidelity and its correlates. *Sex Roles*, 57(1–2), 101–109. doi:10.1007/s11199-007-9221-5
- Bryman, A., & Cramer, D. (2003). *Análise de dados em ciências sociais. Introdução às técnicas utilizando o SPSS para windows* (3ª Ed.). Oeiras: Celta
- Buss, D. M., Larsen, R. J., Westen, D., & Semmelroth, J. (1992). Sex differences in jealousy: Evolution, physiology, and psychology. *Psychological Science*, 3, 251–255. doi:10.1111/j1467-9280.1992.tb00038.x
- Cacioppo, J. T., Cacioppo, S., Gonzaga, G. C., Ogburn, E. L., & VanderWeele, T. J. (2013). Marital satisfaction and break-ups differ across on-line and off-line meeting venues. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, 110(25), 10135–10140. doi:10.1073/pnas.1222447110
- Calhau, T. (2014). *Infidelidades: eu, tu, nós e os outros – Estudo de variantes e preditores do envolvimento extra-relacional* (Tese de Doutoramento). Universidade de Psicologia de Lisboa.
- Castro, M. G., Poeschl, G., & Coimbra, J. L. (2010). Fidelidade e infidelidade nas relações amorosas: padrões discursivos. *Actas Do VII Simpósio de Investigação Em Psicologia*, (2005), 3593–3608.
- Charny, I. W., & Parnass, S. (1995). The impact of extramarital relationships on the continuation of marriages. *Journal of Sex and Marital Therapy*, 21(2), 100–115. doi:10.1080/00926239508404389
- Clayton, R. B. (2014). The Third Wheel: The Impact of Twitter Use on Relationship Infidelity and Divorce. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 17(7), 425–430. doi:10.1089/cyber.2013.0570
- Cohen, M. T. (2016). An Exploratory Study of Individuals in Non-traditional, Alternative Relationships: How “Open” Are We? *Sexuality and Culture*, 20(2), 295–315.

doi:10.1007/s12119-015-9324-z

- Den Daas, C., Häfner, M., & De Wit, J. (2014). The impact of long-term health goals on sexual risk decisions in impulsive and reflective cognitive states. *Archives of Sexual Behavior*, *43*(4), 659–667. doi:10.1007/s10508-013-0183-0
- Devine, P. G. (1989). Stereotypes and prejudice: Their automatic and controlled components. *Journal of Personality and Social Psychology*, *56*(1), 5–18. doi:10.1037/0022-3514.56.1.5
- Dijkstra, K. A., van der Pligt, J., & van Kleef, G. A. (2014). Effects of processing style on responsiveness to affective stimuli and processing fluency. *Cognition and Emotion*, *28*(6), 959–970. doi:10.1080/02699931.2013.865597
- D'Oliveira (2013). Versão portuguesa da escala de Incivility de Martin e Hyde (2005) Development and validation of the Uncivil Workplace Behavior Questionnaire. Trabalho Não Publicado: Lisboa.
- Drigotas, S. M., Safstrom, C. A., & Gentilia, T. (1999). An investment model prediction of dating infidelity. *Journal of Personality and Social Psychology*. doi:10.1037/0022-3514.77.3.509
- Duffau, H. (2006). Brain plasticity: From pathophysiological mechanisms to therapeutic applications. *Journal of Clinical Neuroscience*, *13*(9), 885–897. doi:10.1016/j.jocn.2005.11.045
- Epstein, S., Pacini, R., Denes-Raj, V., & Heier, H. (1996). Individual differences in intuitive–experiential and analytical–rational thinking styles. *Journal of Personality and Social Psychology*, *71*(2), 390–405. doi:10.1037/0022-3514.71.2.390
- Etcheverry, P. E., & Le, B. (2005). Thinking about commitment: Accessibility of commitment and prediction of relationship persistence, accommodation, and willingness to sacrifice. *Personal Relationships*, *12*, 103–123. doi:10.1111/j.1350-4126.2005.00104.x
- Evans, J. S. (1984). Heuristic and analytical processes in reasoning. *British Journal of Psychology*, *75*(4), 451–468. doi:10.1111/j.2044-8295.1984.tb01915.x
- Evans, J. S. (2006). The heuristic-analytic theory of reasoning: Extension and evaluation. *Psychonomic Bulletin & Review*, *13*(3), 378-295.

- Evans, J. S. B. T. (2010). Intuition and reasoning: A dual-process perspective. *Psychological Inquiry*, 21(4), 313–326. doi:10.1080/1047840X.2010.521057
- Farinha, I. (2010). *A natureza do ciúme* (Dissertação de Mestrado). Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia, Lisboa.
- Fernandes, J. (2001). Intuições probabilísticas em alunos do 8º e 11º anos de escolaridade. *Quadrante*, 10(2), 3-32.
- Ferreira, J. M., & Ramos, S. C. (2004). Escolha estratégica e estilos cognitivos: uma correlação da tipologia de Miles e Snow e o modelo de Kirton. In: *Anais do XXIV Encontro Nac. de Eng. de Produção*. Florinópolis.
- Fletcher, G. J. O., Simpson, J. A., & Thomas, G. (2000). Ideals, perceptions, and evaluations in early relationship development. *Journal of Personality and Social Psychology*, 79(6), 933–940. doi:10.1037/0022-3514.79.6.933
- Förster, J., & Dannenberg, L. (2010). GLOMOsys: A systems account of global versus local processing. *Psychological Inquiry*, 21(3), 175–197. doi:10.1080/1047840X.2010.487849
- Gangestad, S. W. W., & Simpson, J. a. a. (2000). The evolution of human mating: trade-offs and strategic pluralism. *The Behavioral and Brain Sciences*, 23(4), 573-587-644. doi:10.1017/S0140525X0000337X
- Garcia, N. (2002). Pensamento e linguagem. *Edição Eletrônica: Ed Ridendo Castigat Mores*, 1–112. doi:10.1590/S0103-863X2001000100004
- Glass, S. P., & Wright, T. L. (1985). Sex differences in type of extramarital involvement and marital dissatisfaction. *Sex Roles*, 12(9–10), 1101–1120. doi:10.1007/BF00288108
- Grello, C. M., Welsh, D. P., & Harper, M. S. (2006). No strings attached: The nature of casual sex in college students. *Journal of Sex Research*, 43(3), 255–267. doi:10.1080/00224490609552324
- Haack, K. R. (2012). *Amor, qualidade conjugal e infidelidade em relacionamentos amorosos mediados e não mediados pela internet* (Dissertação de Mestrado). Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo.
- Haack, K. R., & Falcke, D. (2013). Infidelid@de.com: infidelidade em relacionamentos amorosos mediados e não mediado pela internet. *Psicologia em Revista Belo Horizonte*, 19(2), 305-327.

- Hall, J. H., & Fincham, F. D. (2006). Relationship dissolution following infidelity: The roles of attributions and forgiveness. *Journal of Social and Clinical Psychology, 25*(5), 508–522. doi:10.1521/jscp.2006.25.5.508
- Hansen, J., & Stansfield, C. (1982). Student-Teacher Cognitive Styles and Foreign Language Achievement: A Preliminary Study. *The Modern Language Journal, 66*(3), 263–273. doi:10.1111/j.1540-4781.1982.tb06988.x
- Harris, C. R. (2002). Sexual and romantic jealousy in heterosexual and homosexual adults. *Psychological Science: A Journal of the American Psychological Society / APS, 13*(1), 7–12. doi:10.1111/1467-9280.00402
- Hayes A. (2013). *Introduction to mediation, moderation, and conditional process analysis*. New York, NY: Guilford Press.
- Hayes, J., & Allinson, C. W. (1994). Cognitive Style and its Relevance for Management Practice. *British Journal of Management, 5*(1), 53–71. doi:10.1111/j.1467-8551.1994.tb00068.x
- Hederich C., & Camargo, Á. (2000). Estilo cognitivo y logro académico en la ciudad de bogotá. *Rev Colombiana de Educación, 40*(41), 110–131.
- Heider, F. (1958). *The Psychology of Interpersonal Relations*. New York: Wiley.
- Holmes, J. G., & Rempel, J. K. (1985). Trust in close relationships. *Journal of Personality and Social Psychology, 49*(1), 95–112. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.49.1.95>
- Hutz, C. S., Nunes, C. H., Silveira, A. D., Serra, J., Anton, M., & Wieczorek, L. S. (1998). O desenvolvimento de marcadores para a avaliação de personalidade no modelo dos cinco grandes fatores. *Psicol. Reflex. Crit, 11*(2). doi:10.1590/S0102-79721998000200015
- Jones, M. (1998). Sociosexuality and Motivations for Romantic Involvement,. *Journal of Research in Personality, 32*(32), 173–182. doi:10.1006/jrpe.1997.2212
- Kelley, H. & Thibaut, J. (1978) *Interpersonal relations: A theory of interdependence*. NY: Wiley.
- Kahneman, D. (2003). A perspective on judgment and choice: Mapping bounded rationality. *American Psychologist, 58*(9), 697- 720. doi:10.1037/0003-066X.58.9.697

- Kahneman, D. & Tversky, A. (1982). On the study of statistical intuitions. Em D. Kahneman, P. Slovic e A. Tversky (Eds.), *Judgment under uncertainty: Heuristics and biases* (pp.493–508). Cambridge: Cambridge University.
- Kozhevnikov, M. (2007). Cognitive styles in the context of modern psychology: Toward an integrated framework of cognitive style. *Psychological Bulletin*, 133(3), 464–481. doi:10.1037/0033-2909.133.3.464
- Lampard, R. (2014). Stated reasons for relationship dissolution in Britain: Marriage and cohabitation compared. *European Sociological Review*, 30(3), 315–328. doi:10.1093/esr/jct034
- Laumann, E. O., Gagnon, J. H., Michael, R. T., & Michaels, S. (1994). *Sex in America*. Chicago: University of Chicago Press.
- Le, B., & Agnew, C. R. (2003). Commitment and its theorized determinants: A meta-analysis of the Investment Model. *Personal Relationships*, 10(1), 37–57. doi:10.1111/1475-6811.00035
- Lishner, D. A., Nguyen, S., Stocks, E. L., & Zillmer, E. J. (2008). Are Sexual and Emotional Infidelity Equally Upsetting to Men and Women? Making Sense of Forced-Choice Responses. *Evolutionary Psychology*, 6(4), 667–675.
- Luo, S., Cartun, M. A., & Snider, A. G. (2010). Assessing extradyadic behavior: A review, a new measure, and two new models. *Personality and Individual Differences*, 49(3), 155–163. doi:10.1016/j.paid.2010.03.033
- Mark, K. P., Janssen, E., & Milhausen, R. R. (2011). Infidelity in heterosexual couples: Demographic, interpersonal, and personality-related predictors of extradyadic sex. *Archives of Sexual Behavior*, 40(5), 971–982. doi:10.1007/s10508-011-9771-z
- Martins, A. (2012). *Comportamentos extra-diádicos offline e online nas relações de namoro: Diferenças de gênero nos motivos, prevalências e correlatos* (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Coimbra.
- Martins, A., Pereira, M., Andrade, R., Dattilio, F. M., Narciso, I., & Canavarro, M. C. (2016). Infidelity in Dating Relationships: Gender-Specific Correlates of Face-to-Face and Online Extradyadic Involvement. *Archives of Sexual Behavior*, 45(1), 193–205. doi:10.1007/s10508-015-0576-3

- Martins, A., Pereira, M., & Canavarro, M. C. (2014). Comportamentos extra-diádicos nas relações de namoro: Diferenças de sexo na prevalência e correlatos. *Análise Psicológica*, 32(1), 45–62. doi:10.14417/ap.740
- Martins, R. M. M., Santos, A. A. A. Dos, & Bariani, I. C. D. (2005). Estilos cognitivos e compreensão leitora em universitários. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 15(30), 57–68. doi:10.1590/S0103-863X2005000100008
- McAlister, A. R., Pachana, N., & Jackson, C. J. (2005). Predictors of Young Dating Adults' Inclination to Engage in Extradysadic Sexual Activities: A Multi-Perspective Study. *British Journal of Psychology*, 96(3), 331–350. doi:10.1348/000712605x47936
- McAnulty, R. D., & Brineman, J. M. (2007). Infidelity in dating relationships. *Annual Review of Sex Research*, 18(June 2015), 94–114. doi:10.1080/10532528.2007.10559848
- McKenna, K. Y. a., Green, A. S., & Gleason, M. E. J. (2002). Relationship Formation on the Internet: What's the Big Attraction? *Journal of Social Issues*, 58(1), 9–31. doi:10.1111/1540-4560.00246
- McLeod, S. A. (2010). Attribution Theory. Retrieved from www.simplypsychology.org/attribution-theory.html
- Melo, C., & Afonso, C. G. (2011). *Estilo de vinculação e relações extra-diádicas: Satisfação relacional e atitudes como mediadores* (Dissertação de Mestrado). Universidade de Psicologia de Lisboa.
- Messick, S. (1984). The nature of cognitive styles: Problems and promises in educational practice. *Educational Psychologist*, 19(2), 59–74. doi:10.1080/00461528409529283
- Milhausen, R. R., & Herold, E. S. (1999). Does the sexual double standard still exist? Perceptions of university women. *Journal of Sex Research*, 36(4), 361-368. doi:10.1080/00224499909552008
- Mogilski, J. K., Memering, S. L., Welling, L. L. M., & Shackelford, T. K. (2017). Monogamy versus Consensual Non-Monogamy: Alternative Approaches to Pursuing a Strategically Pluralistic Mating Strategy. *Archives of Sexual Behavior*, 46(2), 407–417. doi:10.1007/s10508-015-0658-2
- Mundim, M. C. B. (2004). *Estilos de criar em líderes organizacionais* (Dissertação de Mestrado). PUC, Campinas.

- O'Sullivan, L. F., & Ronis, S. T. (2013). Virtual cheating hearts: Extradynamic and poaching interactions among adolescents with links to online sexual activities. *Canadian Journal of Behavioural Science / Revue Canadienne Des Sciences Du Comportement*, 45(3), 175–184. doi:10.1037/a0031683
- Pasa, G. G. (2013). *Impulsividade, busca de sensações e comportamento de risco no trânsito: Um estudo comparativo entre condutores infratores e não infratores* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Petty, R., & Cacioppo, J. (1986). The elaboration likelihood model of persuasion. *Advances in Experimental Social Psychology*, 19, 123–183. doi:10.1558/ijssl.v14i2.309
- Pfeiffer, S. M., & Wong, P. T. P. (1989). Multidimensional Jealousy. *Journal of Social and Personal Relationships*, 6(2), 181–196. doi:10.1177/026540758900600203
- Phillips, W. J., Fletcher, J. M., Marks, A. D. G., & Hine, D. W. (2016). Thinking styles and decision making: A meta-analysis. *Psychological Bulletin*, 142(3), 260–290. doi:10.1037/bul0000027
- Pinheiro, I. R. (2009). Modelo geral da criatividade. *Psicologia: Teoria E Pesquisa*, 25(2), 153–160. doi:10.1590/S0102-37722009000200002
- Riding, R. J. (1997). On the Nature of Cognitive Style. *Educational Psychology: An International Journal of Experimental Educational Psychology*, 17(1-2), 29-49. doi:10.1080/0144341970170102
- Rodrigues, D., & Lopes, D. (2017). Sociosexuality, Commitment, and Sexual Desire for an Attractive Person. *Archives of Sexual Behavior*, 46(3), 775–788. doi:10.1007/s10508-016-0814-3
- Rodrigues, D., Lopes, D., & Kumashiro, M. (2017). The “I” in us, or the eye on us? Regulatory focus, commitment and derogation of an attractive alternative person. *PLoS Ones*, 12(3). doi:10.1371/journal.pone.0174350
- Rodrigues, D., Lopes, D., & Oliveira, M. De. (2011). O modelo do investimento de Rusbult em relacionamentos amorosos hetero e homossexuais. *In-Mind_Português*, 2(1), 1–11.
- Rodrigues, D., Lopes, D., & Pereira, M. (2016a). Sociosexuality, Commitment, Sexual Infidelity, and Perceptions of Infidelity: Data From the Second Love Web Site. *Journal of Sex Research*, 54(2), 241–253. doi:10.1080/00224499.2016.1145182

- Rodrigues, D., Lopes, D., & Pereira, M. (2016b). “We Agree and Now Everything Goes My Way”: Consensual Sexual Nonmonogamy, Extradynamic Sex, and Relationship Satisfaction. *Cyberpsychology, Behavior and Social Networking*, 19(6), 373–379. doi:10.1089/cyber.2016.0114
- Rozenchwajg, P., & Corroyer, D. (2005). Cognitive Processes in the Reflective-Impulsive Cognitive Style. *The Journal of Genetic Psychology*, 166(4), 451–463. doi:10.3200/GNTP.166.4.451-466
- Rusbult, C. E. (1983). A longitudinal test of the investment model: The development (and deterioration) of satisfaction and commitment in heterosexual involvements. *Journal of Personality and Social Psychology*, 45(1), 101–117. doi:10.1037/0022-3514.45.1.101
- Rusbult C, Arriaga X, Agnew C. (2001). Interdependence in close relationships. In: Fletcher G, Clark M, editors. Blackwell handbook of social psychology: *Interpersonal processes* (pp. 359-387). Oxford, UK.
- Rusbult, C. E., Martz, J. M., & Agnew, C. R. (1998). The investment model scale: Measuring commitment level, satisfaction level, quality of alternatives, and investment size. *Personal Relationships*, 5(4), 357–387. doi:10.1111/j.1475-6811.1998.tb00177.x
- Salvino, S. (2016). *A desculpa perfeita: Percepção de infidelidade para homens e mulheres* (Bacharelato). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.
- Santos, A. A. A., Sisto, F. F., & Martins, R. M. M. (2003). Estilos cognitivos e personalidade: um estudo exploratório de evidências de validade. *Psico-USF (Impresso)*, 8(1), 11–19. doi:10.1590/S1413-82712003000100003
- Setia, M. S. (2016). Methodology series module 5: Sampling strategies. *Indian J Dermatol*, 61(5), 505-509.
- Shaw, A. M., Rhoades, G. K., Allen, E. S., Stanley, S. M., & Markman, H. J. (2013). Unmarried opposite-sex relationships. *Journal of Sex Research*, 50(6), 598–610. doi:10.1080/00224499.2012.666816
- Silva, G. e Wechsler, S. (2010). Produção científica sobre estilos cognitivos. *Acta Científica – Ciências Humanas*, 1(18), 9-21.
- Simpson, J. A., Wilson, C. L., & Winterheld, H. A. (2004). Sociosexuality and romantic relationships. In J. H. Harvey, A. Wenzel, & S. Sprecher (Eds.), *Handbook of sexuality in close relationships* (pp. 87-112). Mahwah, NJ: Erlbaum.

- Siqueira, L. G. & Wechsler, S. M. (2009). Motivação para a aprendizagem escolar e estilo criativos. *Educação Temática Digital*, 10, 124-146.
- Smith, B. (1988). Foundations of gestalt theory. Recuperado em 29 Setembro, de file:///C:/Users/inesm/Desktop/artigos%20utilizados%2026%20de%20Setembro/Smith%201988.htm
- Sousa, D. L., Santos, R. B., & Almeida, T. (2009). Vivências da Infidelidade Conjugal Feminina. *Pensando Famílias*, 13(2), 197–214. Retrieved from http://www.thiagodealmeida.com.br/site/files/pdf/Vivencias_da_infidelidade_conjugal_feminina.pdf
- Souza, A. L. (2010). Influência dos sentimentos na resolução de problemas complexos e intuitivos: Implicações para a tomada de decisão (Dissertação de Mestrado). EBAPE, Rio de Janeiro.
- Stanovich, K. E., & West, R. F. (2003). The rationality debate as a progressive research program. *Behavioral and Brain Sciences*, 26, 531–534. doi:10.1017/S0140525X03240115
- Strack, F., & Deutsch, R. (2004). Reflective and Impulsive Determinants of Social Behavior. *Personality and Social Psychology Review*, 8(3), 220–247. doi:10.1207/s15327957pspr0803_1
- Sternberg, R. J., & Grigorenko, E. L. (1997). Are cognitive styles still in style? *American Psychologist*, 52(7), 700–712. doi:10.1037/0003-066X.52.7.700
- Tangney, J. P., Baumeister, R. F., & Boone, A. L. (2004). High Self-Control Predicts Good Adjustment, Less Pathology, Better Grades, and Interpersonal Success. *Journal of Personality*, 72(2), 271–324. doi:10.1111/j.0022-3506.2004.00263.x
- Træen, B., Holmen, K., & Stigum, H. (2007). Extradyadic sexual relationships in Norway. *Archives of Sexual Behavior*, 36(1), 55–65. doi:10.1007/s10508-006-9080-0
- Vail-Smith, K., Whetstone, L. M., & Knox, D. (2010). The illusion of safety in “monogamous” undergraduate relationships, *Am J Health Behav*, 34(1), 12–20.
- Weinberg, M. S., Lottes, I. L., & Shaver, F. M. (1995). Swedish or American heterosexual youth: Who is more permissive?. *Archives of Sexual Behavior*, 26, 409-437.
- Whisman, M. A., & Snyder, D. K. (2007). Sexual Infidelity in a National Survey of American

Women: Differences in Prevalence and Correlates as a Function of Method of Assessment. *Journal of Family Psychology*, 21(2), 147–154. doi:10.1037/0893-3200.21.2.147

Whitty, M. T. (2003). Pushing the wrong buttons: men's and women's attitudes toward online and offline infidelity. *CyberPsychology & Behavior*, 6(6), 569–79. doi:10.1089/109493103322725342

Zetter, K. (2015). Hackers finally post stolen Ashley Madison data. *Wired*, Aug. 18, 2015. www.wired.com/2015/08/happened-hackers-posted-stolen-ashley-madison-data (accessed Set. 29, 2017).